



# O MINISTÉRIO

ADVENTISTA

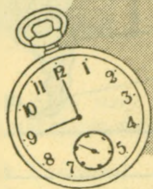


ANO 21

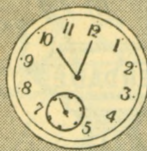
NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1955

Nº. 6





# O Relógio do Pastor



**P**RATICAMENTE todos os ministros que conhecemos estão convencidos de que têm mais ocupações do que a média dos comerciantes. Isto é sem dúvida verdade em alguns casos, mais infelizmente muitas amorosas esposas, ou talvez, em maior número de casos, amáveis senhoras dentre as congregações, persuadem o caro pastor de que toda vez que disponha de todo um domingo, deve ele passá-lo numa praia para repousar.

Não é possível, para a maioria dos pastores, limitar suas atividades a determinado número de horas ou a qualquer período do dia. Mas a maioria deles deve tomar em consideração que a maior parte de seu tempo fica sujeita à sua própria orientação, ao passo que o da maioria dos profissionais e dos operários não o está.

Seria talvez uma disciplina salutar para o pastor "assoberbado de trabalho", tomar tempo para anotar exatamente como emprega cada hora de cada dia da semana. Os estudantes de uma classe sobre as ocupações do pastor, na Yale Divinity School, EE, UU, recentemente remeteram questionários a 300 ministros "de êxito", visando eles não necessariamente os pastores de igrejas grandes, mas os que são geralmente tidos, pelos paroquianos e colegas, como líderes em seu território.

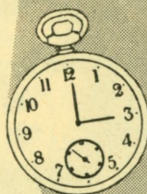
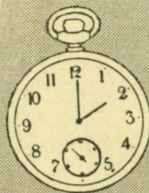
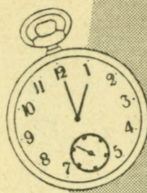
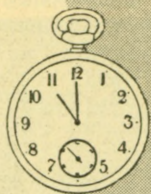
Os ministros, cujas igrejas contam, em média, 700 membros, com a frequência média de 345 membros aos domingos, deram as seguintes respostas ao questionário: "Quantas horas, por semana, gasta V. S. com os seguintes itens:" — Preparo do sermão — 12 horas; Leitura para aprimoramento — 9,1/2 horas; Interesses da comunidade — 4,1/2 horas; Reuniões com os oficiais da igreja — 4,1/2 horas; Entrevistas com hora marcada — 4,1/2 horas; Recreação pessoal ou de família — 5 horas; Correspondência — 5 horas. Os ministros forneceram a média de trinta e quatro visitas feitas por semana, das quais dezoito a doentes, e oito a pessoas interessadas.

Eis alguns comentários espontâneos, muito interessantes: "Na zona rural, as pessoas querem ser aconselhadas, mas não em entrevista combinada. Preferem que haja mais espontaneidade nesse sentido, e buscam encontrar-se com o pastor na quitanda, na feira ou mesmo na rua." "As reuniões para ministros e de comissões denominacionais tomam-nos a maior parte de nossas melhores horas, e redundam, na maioria das vezes, em pura perda de tempo."

Os ministros que gastam a maior parte do tempo no preparo dos sermões são invariavelmente os pastores das igrejas maiores. Os que gastam mais que vinte horas nesse mister pregam para mais que 700 pessoas cada domingo; os sermões que exigem quinze horas de preparo, são ouvidos por congregações de cerca de 400 pessoas; os que exigem apenas dez horas, são ouvidos por um terço de congregações de 600 membros. Também, os pastores que gastam a maior parte de seu tempo no preparo de sermões empregam grandemente o tempo em leitura de aprimoramento, e os pregadores que concluem um sermão em cinco horas gastam menos tempo em leitura, e, em correspondência, mais do que todos os outros.

Ao acertar o seu horário, deve o pregador não esquecer o que Halford Luccock chama preparo subconsciente. Beecher dizia que, em geral, começava o preparo do sermão às 9 horas da manhã de domingo. E muitos pregadores poderão, em cur-

to tempo, extrair preciosidades "novas e velhas" de toda uma vida de meditação e experiência. Mas deve cada qual ter plena certeza de ser um Beecher, antes de confiar num preparo extemporâneo. — *The Churchman*.





# Notas e Notícias

Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**  
Redator responsável — **Lulz Waldvogel**  
Redator associado — **Rafael de A. Butler**  
Colaborador especial:  
**Walter E. Murray**



ANO 21 Nº. 6

O RELÓGIO DO PASTOR 2

NOTAS E NOTÍCIAS . . . . . 3

### ARTIGOS GERAIS

- Conjugação de Esforços — Parte IX — Enfrentemos a Realidade* 4
- Cronologia de Esdras 7 — Parte III — Antigos Calendários Cívicos* 7

### OBRA PASTORAL

- Conselhos aos Jovens* 12

### CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

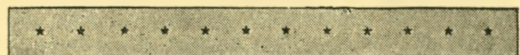
- O Regime Alimentar e a Saúde Espiritual* 15

### PESQUISA, Teologia, História, Ciência

- O Sacerdócio de Melquisedeque* 17

### NOSSA LÍNGUA

20



♦ O REI Paulo, da Grécia, visitou a sede da Sociedade Bíblica Norte-americana, em Nova York, para expressar seu agradecimento pessoal pela remessa de Bíblias para o povo grego. Desde fins da guerra, a Sociedade remeteu para a Grécia 275.000 Bíblias, e está pronta para enviar novo carregamento de 50.000 Novos Testamentos na língua grega moderna.

♦ O NÚMERO de protestantes existentes na Índia é maior que toda a população da Noruega; não obstante, só uma aldeia de cada vinte e cinco, possui uma igreja cristã. Os cristãos reúnem-se ali em 11.000 congregações dirigidas por 3.500 pastores. Os professores, nas aldeias, desempenham, amiúde, a função pastoral. A Índia possui um enfermeiro para cada 43.000 habitantes. Os hospitais e as escolas de enfermagem sustidas pelos cristãos se revestem de importância primordial. — *The Watchman Examiner*.

♦ Logo serão inaugurados os cursos de cristianismo nas escolas públicas da ferrenhamente muçulmana nação egípcia. Professores assalariados pelo Estado ministrarão ali instrução bíblica e de ética cristã aos alunos cristãos. Esta decisão foi tomada pelo regime militar vigente no Egito, com o fito de eliminar a discriminação religiosa. No passado, só o islamismo podia ser ensinado nas escolas públicas. Em conformidade com a nova política, todos os alunos cristãos receberão instrução cristã durante os mesmos períodos em que os muçulmanos estudam a sua própria religião.

♦ O PRESIDENTE da Associação de Médicos Norte-americanos declarou no Quarto Congresso Anual Sobre Religião, realizado na Universidade de Toledo, EE.UU., que a religião é, para os médicos, tão importante quanto o conhecimento da biologia e dos diferentes métodos terapêuticos.

Com efeito, o Dr. E. J. McCormick, de Toledo, disse aos alunos que a profissão médica perderia a sua razão de ser se desaparecesse da vida dos médicos a religião. Declarou que estes devem preocupar-se não somente com o físico, mas também com o espírito. A maioria das Escolas de Medicina deixa de dar suficiente realce ao preparo religioso, segundo afirmou o Dr. McCormick: "Ninguém que não possua sãos princípios morais tem lugar na Medicina," acrescentou. "Ninguém pode exercer a Medicina por longo tempo, sem convencer-se de que existe um Deus que rege o universo," foi outra de suas declarações.

Depois de ler o juramento Hipocrático, o presidente da Associação de Médicos Norte-americanos mencionou que o código de ética na Medicina tem base na crença em Deus.



# ARTIGOS GERAIS

## Conjugação de Esforços na Vida

Capítulo IX — ENFRETEMOS A REALIDADE

ARTUR L. BIETZ

(Membro da Associação Médica Americana de Psicologia, Professor de Cristianismo Aplicado no Colégio de Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja White Memorial.)

UM grande fumante que lera um artigo excelente acêrca dos males do fumo, ao ser perguntado se abandonara o fumo, respondeu: "Não; deixei de ler os artigos que tratam do assunto." Este incidente é uma ilustração de como pode deixar-se de enfrentar a realidade. Muitos preferem ser cegos para a verdade, em lugar de modificar a sua maneira de viver; recusam pôr os dois junto aos outros dois para que que somem quatro. Muitas tragédias poderiam ser evitadas se as pessoas se dispusessem a crer que certas causas específicas conduzem inevitavelmente a certos resultados definidos. O enfrentar a realidade e ajustar-se à relação que existe entre a causa e o efeito das coisas, é prova excelente de sanidade mental e emocional. "Recalcitrar contra os agulhões," é o passatempo favorito de demasiadas pessoas, e os dedos quebrados e sangrentos dão testemunho de que ignorar a verdade não conduz a bom fim.

Diz-se a uma senhorita que se permanece na companhia do noivo até tardias horas da noite expõe-se a certas tentações que podem levá-la à infelicidade, mais tarde. Ela não aceita êsse conselho e continua freqüentando festas objetáveis e participando de uma pouco recomendável vida noturna. De repente enfrenta a eventual realização do que não desejava. Mas se nos colocamos no terreno da tentação, isso inevitavelmente nos conduzirá a determinados resultados. Isto foi tantas vezes comprovado, que não o podem ignorar pessoas inteligentes. A pessoa prudente tira proveito dos erros alheios; só o insensato trata de saber por experiência pessoal que determinadas causas produzem tais ou quais resultados.

Passando por alto as normas da circunspecção, dois casais chegaram a uma excessiva familiaridade, um com o outro. As esposas e os esposos alternavam inocentemente suas relações, para seguir os costumes sociais, certos de que êsse procedimento não produziria maus resultados. Mas o terreno proibido costuma ser sumamente atrativo para as pessoas que não amadureceram emocionalmente. Embora não se pretendesse fazer nada mau, logo surgiram os ciúmes e produziu-se uma séria atração entre um dos esposos e uma das esposas. A esposa de um desses casais enamorou-se do esposo da outra, o que resultou em esfacelamento dos lares, tudo porque êsses jovens passaram por alto o fato de que certos resultados seguem-se inevitavelmente a certa espécie de procedimento.

Um pai pede ao filho que aproveite as vantagens de uma boa instrução, para que possa ser capaz de

viver com êxito num mundo altamente especializado. Por ser-lhe possível conseguir trabalho e ganhar dinheiro em abundância, não dedicou mais tempo ao estudo e ao preparo para a vida. Ao chegar à idade madura verificou que era pessoa mediocre, incapaz de elevar-se acima do nível do trabalho que conseguira na adolescência, e converteu-se em amargurado e cínico. Quando jovem, não se dispusera a enfrentar a realidade; ao chegar à idade adulta, sofreu as conseqüências de sua mediocridade.

Certos pais advertem a filha a que não cultive a amizade de um moço estouvado e moralmente não muito equilibrado. Passou ela por alto o conselho, por "fora de moda", e consumou-se o casamento. Logo êsse lar estava desfeito, e a filha que não quisera ver a realidade, achava-se de novo em casa dos pais. Não estava só, porém; seus três filhos com ela estavam, e, já na velhice, tiveram os pais que criar uma segunda família. Tudo isso aconteceu porque uma jovem insensata não quis confiar na experiência dos pais.

A um adolescente, possuidor de um automóvel novo foi dito que fôsse cuidadoso no volante. Advertiu-se-lhe que a velocidade aumenta os riscos de acidentes, mas não prestou atenção nem enfrentou os fatos. Alegrementemente avançava pela estrada, desprezando as faixas de segurança, até que se produziu um acidente e ficou inválido para o resto da vida.

As leis físicas atuam sem temor nem favoritismo. Se alguém salta do décimo andar de um edifício, desprezando as leis da gravidade, o mais provável é que se mate. A maioria das pessoas enfrenta esta realidade e não faz a prova de dar o salto. No âmbito moral, as leis que o regem não são menos dignas de confiança que as que regem o mundo físico. Ao desprezar alguém as leis morais, colherá certos resultados. Ninguém pode recalcitrar contra as leis do universo na mesma forma com que daria pontapés numa bola de futebol, e vencer. O homem quebranta-se; mas a lei nunca se quebra; é, apenas, mantida quando o homem a transgredir.

Certo jovem estudante do curso ministerial de um colégio, há uns quarenta anos, considerou que manter-se dentro dos limites da lei de Deus era muito monótono. Abandonou os seus estudos teológicos e começou a cultivar relações sociais dissolutas e imorais. Durante anos pensou que estivesse maravilhosamente bem, mas, com o tempo, a lei da causa e efeito começou a atuar. Êsse jovem não contraiu uma enfermidade venérea, e a lenta destruição de seu organismo durante um período de anos, fez-lhe ver a necessidade de enfrentar devida-

mente a realidade, tanto no âmbito moral como no mundo físico. A lei é clara: Obedecemos e vivemos; ou desobedecemos e morremos.

Os professores nos colégios advertem os alunos a que devem aplicar-se se querem ter êxito nos estudos. Alguns jovens se dedicam fielmente ao estudo, descobrem que é interessante e passam com êxito os exames finais. Outros, ao não aceitarem a lei de causa e efeito, perdem o tempo e fazem pouco esforço honesto, e concentram-se pouco. Passam apenas, ou simplesmente fracassam. Poucas dentre essas pessoas reconhecem sua falta de vontade para enfrentar a realidade. Atuam desordenadamente em face da lei da causa e efeito, e vivem o suficiente para obter a colheita de sua insensatez.

Algumas vezes os pais ignoram a necessidade de amar e dirigir os próprios filhos. Julgam que as crianças podem crescer sôzinhas. Acordam tarde demais para compreender sua insensatez, e então descobrem que os filhos se converteram numa desgraça para eles mesmos e para os demais. Sim, a causa e o efeito estão intimamente relacionados entre si; seguem um à outra, como a noite ao dia.

As pessoas que alcançam êxito na vida amoldam-se às leis da existência. Se alguém precisa de uma coisa nova, tem que pagar o preço. As casas não se materializam com base em sonhos nem imaginações. O homem que não paga suas contas perderá seu crédito. A disciplina intelectual não é o resultado da casualidade. Quem quiser possuir mente disciplinada terá que pagar o preço de anos de dedicada aplicação e esforço, se deseja ser eficiente em determinado campo de estudos. Alguns quiseram alcançar as recompensas da disciplina, sem submeter-se a ela. A vida não atua dessa maneira. Geralmente obtemos o que pagamos, e nada mais. Muita gente passa a vida caçando privilégios. Mas não existem privilégios no âmbito do moral ou do intelectual.

O médico e o pregador de êxito não são o resultado da casualidade. Um estouvado, se consegue exercer durante algum tempo determinada profissão, enganará as pessoas momentaneamente, mas não sempre. Cedo ou tarde se darão elas conta se seu médico é realmente bem informado e competente, ou não. O médico que continuamente está aprendendo e que é sincero com seus pacientes, terá a aprovação de sua própria consciência e a boa vontade de seus semelhantes. Um pastor pode, por algum tempo, manter a aparência de que é intelectual e alcançar certo êxito superficial, por um ano ou dois em seu campo; mas logo se saberá se verdadeiramente é erudito ou não. Terá ele que manter-se em movimento ou expor-se-á a que as pessoas saibam o que realmente é. Alguns pregadores dizem que chegaram ao "fundo do barril" depois de um ou dois anos. Esta declaração contém mais verdade do que muitos desses superficiais servos de Deus gostariam de admitir. Poderão troar, mas, com o tempo, as congregações se cansarão de ouvir troar. Os trovões podem causar sensação e chamar a atenção por algum tempo, mas a pessoa inteligente não se impressiona com eles porque sabe que são inúteis e desconcertantes. O relâmpago e a chuva são muito mais necessários do que o trovão.

Um pregador adolescente assombrava seu auditório com sua habilidade de orador. Era tão sen-

sacional o seu êxito, que não viu a necessidade de conseguir instrução mais avançada, e contentou-se com chegar até onde estava. Por que haveria de perder tempo? Podia pregar tão bem quanto qualquer egresso do colégio superior. Com efeito, podia fazê-lo muito melhor que a maioria deles. Por isso mesmo foi-lhe difícil compreender por que os dirigentes responsáveis da igreja pensaram que não era necessário continuar com seus serviços quando apenas tinha vinte e sete anos de idade. O que as pessoas pensavam que era muito pitoresco num pregador ainda criança não suportavam quando esperavam que fôsse homem maduro. As palavras são belas, mas a menos que possuam significação plena, tornam-se uma burla.

As pessoas que não conseguem êxito, continuamente tropeçam com a realidade. Algumas lançam a culpa de suas dificuldades a problemas econômicos, ao passo que outras justificam sua falta de aceitação atribuindo-a à herança adquirida de seus antepassados. Há, também, quem culpa de seus fracassos as pessoas que com elas não simpatizaram. Não lhes foi estendida uma "mão"; não tiveram "pistola". Tôdas estas são maneiras de fugir à realidade.

Durante vinte anos um espôso recusou dar à espôsa compreensão, amor e afeto. Quando engravidava, insistia em que devia abortar, porque não estava disposto a arcar com a responsabilidade da paternidade. Exteriormente, era religioso, pois orava e lia a Bíblia; mas a sua oração discrepava com sua atitude. Esse casal dormia em camas gêmeas, e mais que uma noite a mulher pedia ao marido que lhe pegasse da mão, mas ele respondia que estava cansado demais para que fôsse importuná-lo com sentimentalismo. Era homem eficiente e trabalhador, disposto a ter êxito. Em sua ânsia de afeto, a espôsa, num momento de tentação, lhe foi infiel. Esse procedimento nunca se justifica, mas, por outro lado, dizer que o marido não teve parte na prática deste grande pecado, equivale a ignorar a realidade. Ao enfrentar a espôsa, manifestou um ar estranho de justiça própria; não se sentia, no mínimo que fôsse, culpado do que acontecera. Foi-lhe totalmente impossível enfrentar a realidade, pelo menos na parte que lhe coubera no fracasso de seu casamento.

As pessoas, mental e emocionalmente sãs tratam de compreender as leis que regem a vida. Uma vez que as conhecem, empregam-nas como guia para orientar-lhes o procedimento. Com esta espécie de conduta, logo os seus esforços redundarão em êxito. Também tratam de regular as condições que o estimulam, com o fim de controlar ao máximo suas reações. Tais pessoas dominam e corrigem suas tendências de fugir à realidade, de maneira que possam lançar um ataque razoável sobre os requisitos do mundo social, espiritual e econômico. Estas atitudes científicas são a essência do viver sadio.

Dotado de rica experiência, o indivíduo precisa adquirir a organização mental que lhe coloque o comportamento em harmonia com a realidade. Às vezes, encontramos-nos todos em presença de forças que escapam ao nosso domínio. A pressão dessas forças sobre o indivíduo varia segundo as circunstâncias e os casos; mas quer a pessoa esteja delas consciente quer não, sua personalidade fica influen-

ciada por essas forças em grau que, amiúde, se compreende plenamente.

Devemos relacionar-nos com essas leis, de maneira que trabalhem em nosso favor, e não contra nós. É impossível escolher as circunstâncias que nos irão influir sobre a vida, mas possível é escolher a forma em que nos relacionaremos com essas circunstâncias. Nossas reações em face dos acontecimentos são mais importantes do que os próprios êxitos. Algumas pessoas fortalecem o caráter, ao passo que outras se rebelam contra elas e se amarguram pelo êxito que outras alcançam. O que acontece depende em grande medida da natureza do material sobre que é desferido o golpe. Alguns sabem como converter um fracasso em vitória radiante, ao passo que outros, não dispostos a enfrentar a realidade, caem para não mais erguerem-se. Não é o que acontece, mas a maneira de reagirmos em face dos acontecimentos, o que estabelece a diferença entre uma pessoa e outra. Por certo devemos reconhecer que às vezes temos que enfrentar a incerteza, mas nunca seremos derrotados se aprendemos a viver junto com ela, aceitando-lhe o desafio.

Um aspirante a missionário perguntava a um veterano das missões, qual considerava o requisito fundamental para alcançar êxito no campo. Este missionário experimentado, e que ostentava as cicatrizes da batalha, disse-lhe que três eram os requisitos para alcançar êxito no campo missionário. O primeiro, era *adaptabilidade*, o segundo, *adaptabilidade*, e o terceiro, *adaptabilidade*. Esta é a maneira de dizer que o missionário de êxito precisa aprender a ajustar-se à realidade das circunstâncias adversas e mutáveis. Muitos foram enviados ao campo missionário apenas para de lá voltarem, poucos meses depois, por lhes haver faltado a capacidade de ajustar-se ao ambiente estranho que os readava.

Alguns pais ocupam o lugar de amortecedores entre a realidade e seus filhos, e sempre os estão protegendo. Por não conhecerem por si mesmos a realidade, esses filhos não sabem como a vida é. Devem os pais ensinar os filhos a enfrentar a realidade, ou a geração jovem será incapaz de ajustar-se à vida quando chegar à maturidade. As crianças devem aprender a brincar com outras crianças, porque em tal situação não estão amparadas nem protegidas. Devem aprender a dar e a receber, a enfrentar as consequências que resultam da repulsa da parte de seus companheiros de brinquedos. Isto pode ser-lhes difícil, a princípio, mas as crianças logo aprendem a cooperar, para não serem expulsas do grupo. A medida que a criança progride na escola, descobre a realidade das relações ordenadas que existem entre as diversas formas de matéria e as diferentes manifestações de energia. Pode usá-las para seu próprio bem até ao ponto em que aprenda as leis por cujo meio atua a autoridade, e conseguirá que seu comportamento se harmonize com essas leis.

Repetidamente as pessoas se recusam a aceitar o imutável. Há uma oraçãozinha cheia de significação, feita pelas crianças nos países anglo-saxões que, traduzida para o português, rezaria mais ou menos como segue: "Senhor, ajuda-me a aceitar o que não pode ser mudado, e a mudar o que pode ser mudado, e concede-me a graça de notar a diferença

existente entre estas duas coisas." É uma oração que todos deveríamos fazer.

Disse, certa vez, uma senhora: "Durante quarenta anos tratei de modificar o meu marido, mas sem êxito. Creio que não me resta outra solução que não a de divorciar-me dele." Antes de casar-se, tinha uma concepção do marido ideal de que necessitava. Incapaz de encontrar justamente o de que necessitava, casou-se com êsse homem com a esperança de modificá-lo de acordo com o seu conceito do ideal. Isso, por certo, não aconteceu. Nunca o aceitou tal qual era, e o amesquinhou perante os filhos. A situação tornou-se cada vez mais insuportável e, por fim, desfez-se o lar. Se o tivesse aceitado tal como era, e o houvesse rodeado de uma atmosfera de amor e compreensão, êle teria sido capaz de desenvolver-se muito mais do que conseguira depois de vinte anos de casamento.

Alguns pais não querem aceitar o filho que nasceu. Uma mãe queria uma filha mas, em vez disso, nasceu-lhe um filho. Não aceitou a realidade. Em vez disso, buscou converter em realidade o seu desejo, tratando o filho como se fôsse menina. Não lhe foi permitido brincar com outros meninos, e o seu cabelo foi penteado, até aos seis anos, como se se tratasse de uma menina. A mãe não queria que o seu queridinho participasse dos brinquedos, que considerava violentos, dos outros meninos. O rapazinho logo compreendeu que não era menina, e que tampouco lhe permitiam que fôsse rapaz. A circunstância de essa mãe, carente de maturidade emocional não querer aceitá-lo tal como era, contribuiu para fazer dêsse rapaz um inválido emocional por toda a vida. Não pôde casar-se; seus afetos se dirigiam mais para os homens do que para as mulheres. Atualmente, é sexualmente invertido e vive uma existência caótica. Tudo isso porque uma mãe não quis aceitar a realidade.

Uma mãe decepcionada decidiu que a filhinha alcançasse êxito como concertista de piano; começou a ensinar-lhe muito antes que amadurecesse normalmente para poder desenvolver essa atividade, de maneira tal que a pobre criança não teve infância normal. Enquanto outras crianças brincavam com suas bonecas, ela estudava piano, sob a vigilância da mãe. Se bem que a criança não fôsse um gênio musical, a mãe persistia em seu plano. E na adolescência, sacrificada no altar das ambições frustradas da mãe, deu mostras notáveis de desajustamentos emocionais em sua personalidade. A falta de vontade da mãe de aceitar a realidade no tocante às deficiências da filha, ocasionou a ruína da moça.

Continuamente os seres humanos se destroem a si mesmos por sua falta de vontade para ajustar-se à verdade. Uma senhorita estava enamorada, mas o noivo atraçou-a e casou-se com outra. Desde êsse momento a senhorita afastou-se de todo convívio social; não quis mais cultivar amizades com moços. Continuou amando o moço que a traíra, conquanto não houvesse possibilidade de com êle casar-se. Não quis enfrentar a realidade e converteu-se em solteirona desiludida e amargurada. Se houvesse enfrentado a realidade e se tivesse a ela ajustado, teria iniciado novas amizades, sua vida se teria desenvolvido normalmente, e é provável que se tivesse casado e sido feliz.

No livro *Great Expectations* (Grandes Expectati-

# A Cronologia de Esdras 7 -- III

S. H. HORN e L. H. WOOD

## Antigos Calendários Civis

**A**O INTERPRETAR as declarações antigas, relativas ao tempo, devemos tratar não somente com sistemas de numerar os anos, mas também com calendários diversos. Há vários calendários implicados nas referências ao tempo encontradas na Bíblia e nas fontes históricas relacionadas com a cronologia bíblica. Analisaremos, a seguir, vários destes calendários.

### Calendários com Base nos Movimentos Celestes

Pôsto que os calendários dependem dos movimentos da Terra, da Lua e do Sol, o conhecimento destes movimentos é indispensável para a compreensão dos diferentes calendários antigos e modernos.

O *dia*. Uma unidade natural que serve de base para todo calendário é o dia, período de vinte e quatro horas, determinado pela rotação da Terra em torno de seu eixo. Visto que o amanhecer e o pôr-do-Sol assinalam dois pontos claramente reconhecíveis de tempo nesse período de vinte e quatro horas, não tiveram as pessoas jamais dificuldade alguma em assinalar o dia, quer o tenham feito começar com o pôr-do-Sol, como é o caso, por exemplo, com os babilônios (1) e os israelitas (2), quer com o amanhecer, como ocorria com os egípcios (3). O começo do dia à meia-noite é prática relativamente recente, que não foi introduzida antes dos romanos (4).

O *mês*. A seguinte unidade maior em relação com o calendário, reconhecível por uma observação dos fenômenos naturais, é o mês, que aproximadamente coincide com o tempo que a Lua gasta para

vas), de Carlos Dickens, lemos o caso do engano da Srta. Havisham, que ia casar-se. Era um momento de grande excitação e felicidade. Os convidados estavam reunidos para celebrar o faustoso acontecimento, e o banquete de bodas estava preparado. A moça estava ataviada com seu vestido de noiva, mas o seu prometido nunca chegou. A jovem parou todos os relógios de sua casa justamente vinte minutos antes das nove horas, o momento de sua desilusão. Desceu tôdas as persianas para que a luz do Sol nunca mais lhe entrasse na casa desde então. Viveu na escuridão, apenas alumada de quando em quando pela luz de velas, e o bólo dos noivos permaneceu na mesa, à mercê das aranhas, e suas teias, e dos ratos. O que fôra uma vez um alvo vestido de noiva, pendia em pregas amarelecidas do corpo emagrecido da Srta. Havisham, porque a vida fôra detida no momento fatal em que o destino lhe desferiu o golpe da desilusão. Aos vinte minutos para as nove horas, sossobrou ela, para nunca mais viver vida normal, porque não pôde enfrentar a realidade.

(Continua)

efetuar o seu movimento de traslação em torno da Terra.

Visto que êsse movimento de traslação se realiza em 29,53059 dias, os diversos meses não podem ser iguais em extensão ao expressá-los em termos de dias completos. Por êsse motivo, os meses lunares, tanto os empregados por povos antigos como os que algumas nações modernas empregam, têm a duração alternada de 29 e 30 dias.

O começo do mês lunar é difícil de determinar mediante a observação, porque a Lua é geralmente invisível para o olho humano no momento da conjunção, geralmente Lua nova nos calendários e almanques. A Lua está em conjunção no momento em que, em seu movimento de traslação em torno de nosso globo, acha-se entre o Sol e a Terra, de maneira que a metade dêste corpo celeste que se encontra em nossa direção, não recebe a luz do Sol e está, por isso mesmo, em escuridão completa. Algumas vêzes, quando a Lua se encontra exatamente entre o Sol e a Terra, sua sombra passa pela Terra e produz um eclipse parcial ou total de Sol durante o curto período da conjunção.

São êsses, praticamente, os únicos momentos em que se pode observar a conjunção da Lua.

No oriente próximo são necessárias entre 16,5 e 42 horas depois da conjunção (5) — o que depende de se os movimentos em relação com sua distância da Terra são mais rápidos ou mais lentos — até que a Lua seja visível de novo em forma de uma pequena crescente, que aumenta de tamanho até chegar o momento da Lua cheia. Diz-se que está em oposição, devido a que o Sol e a Lua se encontram em lugares opostos para o observador terrestre. Depois da Lua cheia, a parte visível dêste corpo vai diminuindo até tornar-se invisível entre 42 e 16 horas de sua conjunção, momento em que se completa um "mês astronômico lunar."

Sendo que a conjunção da Lua é invisível, os antigos, que empregaram o calendário lunar, dependeram, quer da primeira ocasião em que era visível para determinar o começo de cada novo mês, como é o caso dos babilônios (6), quer da desapareição da Lua velha antes da conjunção, como o fizeram os egípcios (7). O intervalo que medeia entre a conjunção da Lua e a tarde em que começa a observar-se de novo, não recebeu universalmente nenhuma denominação específica; em relação com êste estudo o chamá-lo-emos "período de traslação."

O *ano*. A unidade calendária mais longa, o ano, mede-se com base no tempo que a Terra emprega para percorrer sua órbita em redor do Sol, o que ocorre, em média, em uns 365,2422 dias, ou seja, 12,1/3 meses lunares. Êste ano solar natural (ou tropical), assinalado pela aparição facilmente observável das estações, tem quatro pontos principais: os solstícios de verão e inverno, quando o trajeto

aparente do Sol no céu se realiza no extremo norte e sul respectivamente, e os equinócios vernal e outonal, quando o Sol se levanta e se põe exatamente no oriente e no ocidente e o dia e a noite são iguais em todo o globo.

Mas o ano solar não é exatamente divisível por meses lunares, nem por dias completos, circunstância que induziu a elaborar uma quantidade de planos diversos para harmonizar com o ano astronômico, o ano calendário computado em dias de 24 horas.

**Calendário Solar.** Dos vários sistemas de registrar os anos solares, empregados na antiguidade, os calendários egípcio e juliano são os mais importantes. Os antigos egípcios, que usavam o ano solar com propósitos cronológicos, tinham doze meses iguais de 30 dias cada um, e mais cinco dias adicionais que apareciam ao final dos doze meses, o que totalizava 365 dias. Este calendário, entretanto, era 1/4 de dia mais curto que o ano astronômico, ou seja, um dia mais curto cada quatro anos, ou 10 dias mais curto cada quarenta anos. Os antigos egípcios nunca tomaram medidas para corrigir esta situação; por conseguinte, seu calendário retrocedeu através de todas as estações do ano, no curso de 1460 anos, o que será explicado depois (8).

O calendário juliano (que também explicaremos mais adiante), introduzido por Júlio César, corrigiu a deficiência do calendário solar egípcio com acrescentar-lhe um dia cada quatro anos, de maneira que fôsem 366, em lugar de 365, no ano comum. Mas ainda esta reforma do calendário não foi suficiente, pois o ano é mais curto que 365,1/4 dias. No tempo do papa Gregório XIII (1572-1585 A.D.), o calendário juliano estava tão fora de harmonia com as estações, que foi necessário corrigi-lo outra vez. Presentemente a maior parte das nações ocidentais emprega o calendário gregoriano, que é um calendário juliano levemente modificado (9).

**Calendário Lunisolar.** Por motivo de suas festividades anuais, que deviam ocorrer sempre nas mesmas estações, os antigos assírios, babilônios e hebreus, como a maior partes das nações que empregaram calendários lunares, via-se na obrigação de acrescentar um mês extra periódicamente para manter o ano lunar em harmonia com o solar, que é uns onze dias mais longo.

Os antigos assírios tinham doze meses lunares, mas observaram que depois de dois ou três anos o fim do duodécimo mês não chegava exatamente na estação em que devia cair o dia de Ano Novo. Transferiram então essa data para um mês lunar mais adiante. Desta maneira o começo do ano novo devia cair, através do tempo, em cada um dos doze meses lunares. No século XII A.C., aceitaram as características principais do ano calendário babilônio, que seguia um sistema ligeiramente diverso (10).

O calendário lunar babilônio foi ajustado ao ano solar, contando, quer o 6º, quer o 12º, mês, duas vezes cada dois ou três anos; dêste modo o dia de Ano Novo sempre caía no primeiro dia do primeiro mês, Nisan, e próximo do começo do ano solar (11). Este calendário, como já dissemos, foi adotado pelos assírios, no século XII A.C. Os judeus tinham um calendário similar, como explicaremos no capítulo seguinte.

Depois destas explicações preliminares, analisaremos os diversos calendários que se relacionam com êste estudo.

## O Calendário Egípcio

Os egípcios empregaram vários calendários diferentes através de sua história, mas para êste estudo somente nos interessa o calendário civil, com base no ano solar. Descartaremos o calendário lunar egípcio, por êles empregado somente com o propósito de celebrar suas festas.

**O Ano Solar.** Não é inteiramente certo que os egípcios tenham chegado à conclusão de que o ano consistia em 365 dias. O erudito O. Neugebauer apresentou recentemente a teoria de que êles chegaram gradualmente a esta conclusão, ao observar que as inundações anuais do Nilo ocorriam, em média, a intervalos de 365 dias (12). Visto sabermos que os egípcios mantinham anotações cuidadosas das inundações anuais desde os tempos mais antigos, é possível deduzir que o seu ano solar de 365 dias surgiu dessa maneira.

Até agora havia sido aceita amplamente a teoria de Eduardo Meyer, que sustinha que as observações astronômicas eram o fundamento do ano solar egípcio (13). Desde os tempos mais antigos, a festividade anual de Sothis era celebrada no dia da aparição heliaca [seu surgimento no horizonte] da estrela *Sothis*, a que chamavam Sírio, isto é, no dia em que essa estrela aparece primeiramente no horizonte do oriente, pouco depois do amanhecer, depois de um período em que se encontrava próxima demais do Sol para ser visível. O dia em que por primeira vez Sírio aparecia pela manhã, que durante o período dinástico do Egito oscilava entre 17 e 19 de julho (14), foi celebrado por muitos séculos como dia de festa. Pensa-se que a observação do surgimento heliaco de Sírio foi a origem do ano solar de 365 dias.

A isto deveria acrescentar-se a circunstância de que a primeira das três estações em que se dividia o ano egípcio, se chamava *Akhet*, que quer dizer "inundação". A inundação produzida pelo Nilo começa no Egito em princípios de junho, e portanto pareceria que o ano começasse na época da festa de Sothis. Quando os egípcios provavelmente descobriram que a aparição heliaca de Sothis ocorria aproximadamente cada ciclo de 365 dias, coincidindo com o começo da inundação do Nilo, devem haver chegado facilmente à conclusão de que o ano teria 365 dias.

Depois de fixar dêste modo o ano, seu espírito conservador os impediu de alterá-lo, embora houvessem observado que cada quatro anos a aparição de Sírio ocorria um dia mais tarde no calendário, ou, para dizê-lo doutro modo, o Ano Novo egípcio caía em um dia antes que o dia de Sothis, pois o ano de 365 dias é aproximadamente 1/4 de dia mais curto realmente que o ano solar. Dêste modo o deixar de acrescentar um dia extra cada quatro anos influiu para que todas as datas egípcias retrocedessem um dia em relação com as estações, até que finalmente o dia de Ano Novo realizou o circuito completo através das estações e novamente coincidiu com o surgimento heliaco de Sothis, 1.460 anos mais tarde (15).

No lapso de uma vida a deslocação das estações não era muito grande, visto que atingia só uns



quinze dias em sessenta anos. O observador profundo, entretanto, deve haver sido capaz de dizer, nos dias de sua velhice, aos sessenta anos, que a inundação começava, então, duas semanas antes do que quando êle era criança.

O ano egípcio, por sua vez, dividia-se em três estações de quatro meses cada uma: (1) *Akhet*, "inundação", (2) *Peret*, "surgimento" dos terrenos da água, e (3) *Shemu* "verão" (16). Presume-se que esses nomes foram dados às três estações do ano calendário quando elas foram sincronizadas com as estações, tal como se apresentam no Egito. Não obstante, as estações calendárias retrocediam um dia cada quatro anos no "móbil" calendário egípcio. Assim é que, depois de 120 anos, a estação denominada *inundação* precedia à verdadeira inundação do Nilo, trinta dias, e, depois de 360 anos, três meses completos. Aparentemente, isto não perturbava os egípcios mais do que nos preocupa a nós o costume de dizer 15 de outubro de 1952, abreviando-o pela fórmula 15/10/52, embora saibamos que outubro significa literalmente o "oitavo", e não o décimo mês.

Chamou-se "calendário móbil" ao egípcio, devido a que cada data, ao retroceder um dia cada quatro anos, "movia-se" através de tôdas as estações do ano astronômico, no curso de 1460 anos, e êste período foi denominado "ciclo Sótico," pois o Ano Novo regressava à data do surgimento de Sothis, ou Sírio, depois de transcorrida essa quantidade de anos.

Nos começos da história egípcia não havia nomes para os meses do ano civil, e a fórmula "no mês 3º. de Peret" pôde traduzir-se como equivalente ao 7º. mês do ano. Ao fim das três estações, constituídas de trinta dias cada uma, o que dava o total de 360 dias, acrescentavam-se cinco dias extras, chamados "epagomenae," para completar o ano de 365 dias.

Desde meados do segundo milênio A.C., a pouco e pouco se deixou de designar os meses por número, para começar a empregar nomes que estavam em uso no calendário lunar. No último período a que se refere intimamente nosso estudo, usavam-se somente êstes nomes dos meses. Visto que são empregados nas datas dos papíros arameus que estudaremos mais adiante, fizemos dêles uma lista, a saber:

Thoth	30 dias	Pharmuthi	30 dias
Pahophi	30 "	Pachons	30 "
Athyr	30 "	Payni	30 "
Choiak	30 "	Epiphi	30 "
Tybi	30 "	Mesore	30 "
Mechir	30 "	Epagomenae	5 "
Phamenoth	30 "	Total	365 dias

A regularidade e simplicidade do calendário egípcio, tal como pode apreciar-se pela lista que fornecemos (17), facilita a tarefa de converter uma data egípcia em sua equivalente do calendário juliano, para os períodos em que se conhece o dia do Ano Novo. Isto foi possível no tocante aos sete e meio séculos que precederam o nascimento de Cristo, graças ao astrônomo greco-egípcio Ptolomeu, cuja obra consideraremos com certa extensão.

O *Cânon de Ptolomeu*. Cláudio Ptolomeu, ou simplesmente Ptolomeu, foi um notável matemático, astrônomo e geógrafo que viveu em Alexandria no século II de nossa era. Sua fama deve-se prin-

cipalmente à sua teoria astronômica, incorporada à sua monumental obra grega sobre astronomia, intitulada *Mathematike Syntaxis* (Composição Matemática), mais conhecida pelo nome árabe "Almagesto". Esta obra que sobrevive totalmente, é um desenvolvimento da obra de Hiparco de Rodas, cujos escritos não mais existem. A teoria de Ptolomeu, que considerava a Terra um globo a cujo derredor giravam os corpos celestes em complicados círculos, constitui a explicação comum do universo, feita há cerca de 1.400 anos (18).

Em seu "Almagesto", Ptolomeu freqüentemente fornece datas com base na observação, para demonstrar sua teoria dos movimentos da Lua e de outros corpos celestes. Nesta obra, menciona dezenove eclipses lunares no período de nove séculos, dados de ano, mês, dia e hora, principalmente em termos de *ano régio* de vários reis (19). Estas datas são extraordinariamente valiosas para a cronologia, porque capacitam o astrônomo moderno a verificar os cálculos de Ptolomeu. Visto que os intervalos entre as observações eram importantes para a sua teoria dos movimentos celestes, Ptolomeu acrescentou ao seu "Almagesto" uma espécie de apêndice, constituído de uma lista ou cânon de reis, na qual era indicado o começo e o fim de cada reinado, e haveria de servir como uma escala para verificar os dados cronológicos por êle registrados (20).

O primeiro rei mencionado no cânon de Ptolomeu é o monarca babilônio Nabonassar, cujo primeiro ano régio começou, em conformidade com o cômputo egípcio, em 1º. de Thoth, o dia de Ano Novo egípcio, e na data do calendário juliano que foi estabelecida por eclipses lunares, como sendo o dia 26 de fevereiro de 747 A.C. (21). Este é o ponto de partida do que se passou a chamar a era de Nabonassar. O cânon dá o número do ano régio de cada rei mencionado: primeiramente dos governantes babilônios, a seguir dos persas, de Alexandre Magno e seus sucessores ptolemeus no Egito e, finalmente, dos imperadores romanos, encerrando-se a lista com Antonino o Pio. O propósito de Ptolomeu não foi fornecer uma lista histórica completa dos reinados, mas, preferentemente, ter uma escala cronológica conveniente para fixar os intervalos entre as diversas observações astronômicas que figuram em seu "Almagesto". Visto que cada ano devia levar o nome de um ano régio, não teve Ptolomeu o propósito de fazer uma lista dos monarcas que reinaram menos que um ano; pelo que não deve surpreender a circunstância de os não encontrarmos incluídos em seu cânon.

Passando por alto os diversos métodos de computar o tempo, usados nos países implicados, Ptolomeu sistematicamente empregou o seu ano calendário egípcio de 365 dias. Visto que o ponto de partida da era de Nabonassar, o dia 1º. de Thoth do ano 747 A.C., (26 de fevereiro), foi estabelecida por 19 eclipses lunares, podemos fixar qualquer ano de qualquer dêses reis, segundo o ano calendário egípcio, e computá-lo na data correspondente da era pré-cristã. Êsse é um processo fácil, dado que o Ano Novo egípcio retrocede um dia, cada quatro anos, no calendário juliano, que é o empregado para fixar as datas da era anterior ao Senhor.

### O Calendário Juliano

O calendário juliano, assim chamado em honra

de Júlio César, que o introduziu no mundo romano, constituiu o passo seguinte no desenvolvimento lógico do calendário solar empregado pelos egípcios ao adotar seu ano de 365 dias e corrigir o quarto de dia, aproximadamente.

O primeiro calendário usado pelos romanos foi o lunar. Sendo que um ano lunar é mais curto que o ano solar natural, é necessário encumpridá-lo periodicamente, como já foi explicado, para manter os meses em harmonia com as estações. No tempo de César, o calendário romano encontrava-se distanciado uns dois meses do começo das estações, por motivo de os funcionários haverem deixado de fazer os acréscimos necessários periodicamente. Por fim, Júlio César tomou medidas drásticas para remediar a situação. Para corrigir o deslocamento do ano, instituiu um ano de 445 dias, e no dia 5 de janeiro do ano 45 da era pré-cristã, estabeleceu um ano puramente solar, traçado pelo astrônomo egípcio Sogígenes. Tinha por base o ano egípcio de 365 dias, mas fazia provisão para o acréscimo de um dia cada quatro anos, melhora que os egípcios nunca haviam praticado. César manteve o dia de Ano Novo em 1.º de janeiro (o começo das funções dos côncules), e conservou os antigos nomes, embora já passados de moda, de setembro, outubro, novembro e dezembro, que haviam sido, como sua etimologia o indica, os meses 7.º, 8.º, 9.º e 10.º respectivamente (22).

Quando o sucessor de César, Augusto, fêz do Egito uma parte do Império Romano, introduziu o ano bissexto juliano na estrutura do antigo calendário egípcio, fixando o dia 1.º de Thoth, que antes se movia através de todo o ano, em 29 de agosto, 30 de agosto, nos anos bissextos.) Durante o período do Império, várias províncias orientais ajustaram ao calendário romano os seus antigos meses. A versão síria do calendário juliano, por exemplo, sobrevive ainda em muitos países árabes paralelamente com o calendário lunar não corrigido dos maometanos (23). Conserva em sua maioria os antigos nomes dos meses lunares semíticos, começando, portanto, com o dia 1.º de *Teshrin*, que coincide com o nosso outubro, e tem 31 dias, e seu mês *Shubat*, que coincide com nosso fevereiro, e tem 28 ou 29 dias (24).

O calendário juliano foi adotado, com os nomes dos meses e tudo mais, nas províncias ocidentais. Por conseguinte, foi empregado no mundo europeu generalizadamente até à revisão gregoriana de 1582, e, em muitos países, até muito mais tarde ainda. Com efeito, o calendário gregoriano é basicamente o mesmo que o juliano, com a exceção de que elimina três 29.º dias em fevereiro cada quatro séculos (25).

Os astrônomos empregam o cômputo juliano sem variantes até ao presente, por sua conveniente regularidade, e os historiadores datam todos os acontecimentos ocorridos antes de Cristo com base no calendário juliano, estendido assim teoricamente até ao passado, como se houvesse estado em uso nessa época.

### O Calendário Babilônio

Os babilônios celebravam seu dia de Ano Novo na primavera, o que era natural fazer no vale de Mesopotâmia. Logo que as neves se fundiam nas montanhas da Armênia, aumentava a tal ponto o

volume das águas dos rios Tigre e Eufrates, que os canais destinados à irrigação da baixa Mesopotâmia se enchiam e comunicavam nova vida a tôdas as terras. É provável que o equinócio vernal haja tido alguma influência decidida na fixação do dia de Ano Novo na primavera, mas há certeza a êsse respeito. Quaisquer que hajam sido os motivos, sabemos que desde os tempos mais antigos da história babilônia, o dia de Ano Novo era celebrado em fins de março ou em abril (26).

Os babilônios não tinham um ano puramente solar, e o seu chamado ano lunissolar consistia em doze meses de tamanho desigual, que tinham 29 ou 30 dias cada um, o que dava ao ano de doze meses lunares o total de 354 ou 355 dias. Visto que o ano lunar era aproximadamente onze dias mais curto que o solar, o sexto mês, chamado *Ululu*, ou o décimo-segundo, chamado *Addaru*, eram repetidos cada dois ou três anos. Cada ano com seus treze meses denominava-se embolismal, ou bissexto, e tinha 383 ou 384 dias (27).

Antes do século IV A. C., não havia uma clara seqüência na inserção dos meses embolismais, mas quando, graças à observação, se descobriu que dezenove anos solares continham aproximadamente o mesmo número de dias que 235 meses lunares, praticou-se um sistema de intercalação mais uniforme. No século IV, o chamado ciclo de dezenove anos, em que o 3.º, o 6.º, o 8.º, o 11.º, 14.º, o 17.º e o 19.º anos eram embolismais, chegou a ser um sistema regular para empregar o ano lunissolar na Mesopotâmia. Essa regularidade havia sido conseguida cerca do ano VI A.C., mas certa quantidade de exceções põem em dúvida a sua elasticidade antes do século IV (28).

Nos começos da história de Babilônia, parece que não havia um sistema regular para determinar quando um *Ululu* (o 6.º mês) ou *Addaru* (o 12.º mês) deveriam repetir-se. Mais adiante, quando o ciclo de 19 anos foi mais definitivamente fixado, o segundo *Addaru* era acrescentado seis vezes, e o segundo *Ululu*, uma vez (cada 17 anos) em cada ciclo. Para o estudo dêste calendário, a excelente monografia publicada por R. A. Parker e W. H. Dubberstein, sob o título de *Babylonian Chronology* (626 A.C. — 45 A.D.), têm tábuas completas de calendários que contêm todos os anos ambolismais conhecidos na época da publicação da monografia, e datas aproximadamente corretas para o começo de cada mês babilônio para a época assinalada no título (29). Esta obra permite-nos converter sem esforço qualquer data babilônia em sua equivalente do ano juliano, com bastante exatidão.

O costume babilônio de começar cada mês depois que a Lua crescente podia ser observada por primeira vez, é responsável pelo tamanho desigual dos meses. Visto que o começo dos meses dependia da vista do observador e do tempo, os meses começavam ocasionalmente um dia mais tarde do que haveria podido começar se o tempo houvesse sido mais favorável, e se a Lua crescente houvesse sido visível na tarde anterior. Por isso, *Nisanu* ou qualquer outro mês, podia ter 29 dias num ano, e, no seguinte, 30. A reconstrução do calendário babilônio, feita recentemente na obra de Parker e Dubberstein, baseia as suas datas no começo dos meses, tendo em conta um razoável "período de traslação", mas as datas a que se chega mediante

esse método, devem ser desprezadas em cerca de 30%, segundo admitem os próprios autores das tábuas (30). Este fato confere sempre ao calendário babilônio certo grau de incerteza não encontrada nos calendários solares fixos dos egípcios. Para todos os propósitos práticos, as datas formuladas em termos do calendário babilônio, a partir do século VIII A. C., realmente podem fixar-se com uma margem de erro de apenas um dia. Não obstante, sempre devemos lembrar que não se pode obter segurança absoluta com as datas babilônias.

Os nomes dos meses babilônios (31), que foram adotados pelos judeus durante o cativeiro, são os seguintes (com os nomes judeus entre parênteses) (32):

- |                   |                                       |
|-------------------|---------------------------------------|
| 1. Nisanu (Nisan) | 7. Tashritu (Tishri)                  |
| 2. Aiaru (Iyyar)  | 8. Arashmnu (Mrascheshvan ou Heshvan) |
| 3. Simanu (Sivan) | 9. Kisilimu (Kislev)                  |
| 4. Duzu (Tammuz)  | 10. Tebetu (Tebeth)                   |
| 5. Abu (Ab)       | 11. Shabatu (Shebat)                  |
| 6. Ululu (Elul)   | 12. Addaru (Adar)                     |

Depois de haver abrangido os principais calendários antigos que se relacionam com as datas que aparecem nos documentos que vamos estudar, dedicaremos o capítulo seguinte a examinar o calendário hebraico.

- (1) Parker e Dubberstein, *Op. cit.*, págs. 1 e 24.
- (2) Gén. 1:5, 8, etc.; Lev. 23:32; ver S. Mar. 1:32.
- (3) Richard A. Parker, *The Calendars of Ancient Egypt, Ptolomey's*, pág. 10: Os cálculos parecem indicar que os dias começavam com a saída do Sol.
- (4) Plínio, *Natural History, Vol. II*, pág. 79 (Ed. Loeb, Vol. I, págs. 319 e 321); Varro, citado em Aulo Gêlio, *Attic Nights, Vol. III*, pág. 2 (Ed. Loeb, Vol. IV, págs. 239 e 241); Plutarco, *Moralia, The Roman Questions*, No. 84 (tradução de Maude, págs. 36 e 37). As declarações clássicas dos romanos no tocante ao começo do dia entre eles, são corretas, mas é necessário ter cautela com as que formulam acerca do começo do dia entre outros povos, pois a maior parte delas são errôneas.
- (5) Parker, *The Calendars of Ancient Egypt*, págs. 9-23.
- (6) Parker e Dubberstein, *Op. cit.*, pág. 1.
- (7) Parker, *The Calendars of Ancient Egypt*, págs. 9-23.
- (8) Ver a seção do calendário egípcio, que aparece mais adiante.
- (9) Ver mais adiante as explicações dos calendários juliano e gregoriano.
- (10) Ernest F. Weidner, artigo *Der Altassyrische Kalender*, em *Archiv für Orientforschung*, Vol. V, págs. 184 e 185 (1928-29); também seu artigo, *Aus den Tagen eines Assyrischen Schettenkönigs*, em *Archiv für Orientforschung*, Vol. X, págs. 27-29 (1935-36).
- (11) Parker e Dubberstein, *Op. cit.*, pág. 1.
- (12) O Neugebauer, artigo *Die Bedeutungslosigkeit der Sothisperiode für die Älteste Aegyptische Chronologie*, em *Acta Orientalia*, Vol. XVII, págs. 169-195 (1938); também seu artigo *The Origin of the Egyptian Calendar*, em *Journal of New Eastern Studies* (daqui em diante abreviado JNES), Vol. I, págs. 396-403, (1942).
- (13) Eduard Meyer *Aegyptische Chronologie (Abhandlungen der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Klasse Phil.-Hist., Berlin, 1904, parte 1)*, págs. 1-212, também sua *Nachträge zur Aegyptischen Chronologie (Ibid., 1907, parte 3)*, págs. 1-46.
- (14) Parker, *The Calendars of Ancient Egypt*, pág. 7.
- (15) Alan H. Gardiner, *Egyptian Grammar*, págs. 203-205.
- (16) *Ibidem*.
- (17) Parker, *The Calendars of Ancient Egypt*, pág. 8.
- (18) Henry Norris Russel, Raymond Smith Dugan, John Quincy Clerke, artigo *Astronomy; History*

*of Astronomy em Encyclopaedia Britannica*, Vol. 11, pág. 583, (1945).

- (19) *Almagesto* de Ptolomeu, Vol. IV, págs. 6-9, e Vol. V, pág. 14, etc. Traduzido por R. Latesby Tagliaferro, em *Great Books of the Western World*, Vol. XVI, págs. 123, 129, 134-137, 140-142, 172, etc.
- (20) O cânon aparece no apêndice A, pág. 466, do volume mencionado anteriormente.
- (21) Esta data pode fixar-se graças a que Ptolomeu não somente verifica os eclipses fornecendo dado até da hora em seu próprio calendário, mas dá, também, na maioria dos casos, o número dos anos egípcios de 365 dias, e os dias e as horas do ponto de partida da era. (*Ibidem*, págs. 140-142 e 172.)

Quanto à possibilidade de confundir qualquer destes eclipses com outros ocorridos na mesma data de anos diferentes, deve notar-se que um eclipse lunar só se produz quando há Lua cheia. Uma Lua cheia pode repetir-se na mesma data em nosso calendário só cada 19 anos, mas reaparece no calendário egípcio, com suas datas que retrocedem através das estações, só cada vinte e cinco anos. Para observar a repetição de uma fase da Lua nos calendários juliano e egípcio, ver a apresentação gráfica de Lynn H. Wood, no artigo *The Kahun Papyrus and the Date of the Twelfth Dynasty* (Com diagrama), em *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (daqui em diante abreviado BASOR), No. 99, págs. 5-9, de outubro de 1945.

Além disso, nem todas as Luas cheias podem resultar em eclipse; isto pode ocorrer só umas duas vezes ao ano. Portanto, a possibilidade de que um eclipse lunar se repita na mesma data egípcia se reduz ainda mais.

Por outro lado, os dezenove eclipses de Ptolomeu, datados pelo ano, o dia e mesmo a hora em que ocorreram, estão todos em perfeita harmonia, e vários astrônomos que fizeram os cálculos mediante métodos modernos, variam nas datas só em frações que não chegam a uma hora. As tábuas de Oppolzer sobre os eclipses lunares demonstram que a média de variantes entre seu comêtu e o de Ptolomeu é de apenas dez minutos. (Para os eclipses lunares de Ptolomeu, ver Tehodor von Oppolzer, *Syzygien Tafeln für den Mond*, págs. 31-34; para os dados astronômicos, ver seu *Cânon der Finsternis*, pág. 332 e seguintes.)

- (22) F. E. Aclock, artigo *Caesar's Dictatorship*, em *CAH*, Vol. IX, pág. 696; *Dio Cassius Roman History*, Vol. XLIII, pág. 26, (Ed. de Loeb, Vol. IV, pág. 259); Plutarco, *Julius Caesar*, pág. 59, (Ed. de Loeb, Vol. VII, págs. 579 e 581.)
  - (23) O calendário maometano tem doze meses lunares, e não segue o método de incluir meses intercalares como os calendários babilônio e judeu. Portanto, atrasa-se onze dias no ano, e freqüentemente percorre todo o ciclo das estações.
  - (24) Ginzel, *Handbuch*, Vol. I, págs. 225-228, 263 e 264; ver também, Parker, *The Calendars of Ancient Egypt*, pág. 8; G. W. Thatcher, *Arabic Grammar*, pág. 218.
  - (25) Quando César adotou o ano de 365 dias, que importou do Egito, eliminou a diferença que existia no calendário ao introduzir o ano bissexto, de 366 dias, uma vez cada quatro anos. Não obstante, o verdadeiro ano solar é uma fração menor que 365 e  $\frac{1}{4}$  de dia. Daí que, ao acrescentar um dia cada quatro anos, ou 100 em quatro séculos, é necessário fazer leve correção, visto que se necessitam noventa e sete anos bissextos em quatro séculos para manter o calendário em harmonia com o movimento da Terra em redor do Sol. Portanto, enquanto esteve em uso o calendário juliano, os equinócios e os solstícios, que assinalam as quatro estações do ano verdadeiro, completavam seu circuito uma fração antes, em relação com o ano calendário e, deste modo, virtualmente caíam em datas anteriores.
- Gradualmente, esta mudança produziu preocupação devido a seus efeitos sobre a festa da Páscoa, que cada vez caía mais e mais tarde na primavera. No século IV da era cristã, quando se estabeleceu por primeira vez o método de calcular a Páscoa, a data do equinócio era o dia 21 de março. Esta data havia-se movido gradualmente para diante de modo tal, que em 1582 caía dez dias depois do equinócio, o último dos quais ocorreu em 11 de março de 1582.

Os astrónomos haviam pleiteado durante muito tempo a correção deste erro. Daí que o Papa Gregório XIII tratasse de restaurar a data de 21 de março como data do equinócio vernal, e, da mesma forma, para colocar a Páscoa no lugar em que se encontrava no século IV, decretou que o dia seguinte à quinta-feira, 4 de outubro de 1582, não seria chamado sexta-feira, 5 de outubro, mas sexta-feira, 15 de outubro, com o que se eliminaram os dez dias de excesso que havia no calendário, e que haviam sido acrescentados desde os comêços do século IV. Mais adiante legislou para que o ano começasse uniformemente em 1.º de janeiro, e, para evitar novas discrepâncias entre o ano calendário e o astronômico, decretou que daí em diante os anos que não fossem divisíveis por 400 (1700, 1800, 1900, 2100, etc.) não deveriam ser considerados bissextos.

Este calendário gregoriano foi aceito imediatamente pelos países católicos, mas, pelos protestantes, só muito mais tarde. A Inglaterra e as colônias norte-americanas introduziram-no somente em 1752, época em que o fato de haver sido considerado bissexto o ano 1700 influiu para

que o erro no cômputo dos dias aumentasse para onze. Os países da Europa oriental só o adotaram no século presente. (Peter Archer, *The Christian Calendar and the Gregorian Reform*, págs. 10, 11 e 75; John Gerard, artigo *Chronology*, em *The Catholic Encyclopaedia*, Vol. III, págs. 739 e 740.)

- (26) S. Lagdon, *Babylonian Menologies and the Semitic Calendars*, pág. 1 e seguintes.  
 (27) Parker e Dubberstein, *Op. cit.*, pág. 1.  
 (28) *Idem*, págs. 2 e 5.  
 (29) *Idem*, págs. 25-46.  
 (30) *Idem*, pág. 23.  
 (31) *Idem*, pág. 24.  
 (32) Seis dos doze nomes dos meses babilônios são mencionados nos livros escritos depois do cativo, a saber, os livros de Zacarias, Ester, Esdras, e Neemias, cujas referências são as seguintes: (1) Nisan (Est. 3:7; Nee. 2:1); (3) Sivan (Est. 8:9); (6) Elul (Nee. 6:15); (9) Chisleu (Kislev) (Zac. 7:1; Nee. 1:1); (10) Tebet (Est. 2:16); (12) Adar (Est. 3:7, 13; 8:12; 9:1, 15, 17, 19 e 21; Esd. 6:15).

(Continua)



# O BRA PASTORAL

## Conselhos aos Jovens

OTTO J. RITZ

(Pastor-Evangelista, Associação Sul de Nova Inglaterra)

**DELICADA** é a ciência de lidar com a mente humana, e exige a coordenação da totalidade das faculdades mentais do ministro. Neste campo da responsabilidade ministerial, nada deve ser feito ao acaso nem com desleixo.

O conselho torna-se mais complexo ao prestar-se ampla atenção ao fato de que "pouco podemos acêrca das angústias de outrem. Bem poucos compreendem as circunstâncias de outra pessoa. Daí a dificuldade de dar conselho sábio". — *Testimonies*, Vol. V, pág. 55. A vida cheia de desilusões e complexidades requer a devida compreensão da parte do conselheiro.

A juventude, por motivo de sua natureza caprichosa, imprevidente e explosiva, ainda mais difícil é de avaliar-se. Só após cuidadosa análise do problema, devem os jovens ser aconselhados. Dizer que os jovens não atendem prontamente a um são conselho é inteiramente incorreto. Eles atenderão favoravelmente ao conselho discreto. Deve êle, entretanto, ser dado de forma a atender razoavelmente à necessidade.

As trivialidades ditas a desiludidos jovens de ambos os sexos, têm mais ou menos o mesmo efeito de uma injeção que se quisesse aplicar a um paciente distante. Um ato público indiscriminado não passa da leitura de um barômetro de uma vida íntima alterada ou desiludida. O atingir a vida íntima requer a compreensão do comportamento humano. Isto nos leva ao primeiro duma série de fundamentos, cuja compreensão governa, em grande medida, o êxito dos conselhos pastorais.

### Individualidade

Não existem duas pessoas iguais. Cada ser humano é uma entidade distinta com uma herança mental e física peculiar a si própria, somente. Conquanto certo padrão de comportamento básico categorize a maioria das pessoas, não obstante as peculiaridades de cada vida não podem ser adaptadas a um modelo improvisado para os fins de análise. Neste ponto é que creio que se perde a primeira partida no conselho eficaz. Não é dada atenção suficiente ao assunto da individualidade.

"Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir." — *Educação*, pág. 17.

Com que frequência se ouve acêrca de moralismo vulgar ministrado aos jovens, com comparativamente pouca consideração para com o assunto da individualidade. O médico não receitaria o mesmo remédio a todos os seus pacientes. Não obstante o conselho espiritual é muitas vezes dado segundo essa norma. Com umas poucas frases corriqueiras, uns poucos textos bíblicos incisivos, espera-se que os problemas dos jovens se dissolvam.

O ministro, pois, deve estudar cuidadosamente o jovem que tem perante si, reconhecendo amplamente que somente um conselho específico pode ser de auxílio para êsse jovem, de quem não existe, no mundo inteiro, uma duplicata. Uma vez reconhecido êste princípio, pode o conselho ser ministrado de maneira mais aceitável.

## Ouvir

A fim de compreender perfeitamente um jovem desiludido, deve a pessoa ouvir-lhe a história. É imperdoável, da parte do conselheiro, escutar apenas a introdução da história e imaginar o restante.

Alguns pastores conselheiros pretendem possuir o raro dom (se é que isso existe) de saber tudo, mesmo antes de a metade haver sido contada. Lembra-mos de um jovem que proferiu menos que doze frases, quando o conselheiro o atalhou e sentenciou durante meia hora. Depois de haver-se esvaziado, voltou-se para o jovem com a pergunta: "Atende tudo quanto eu lhe disse, à sua necessidade?" A isto respondeu o jovem: "Mas isso não é o meu problema!" Tragicamente não foi dada a êsse jovem sequer a oportunidade de esclarecer a sua dificuldade, para nada dizer de ser ela analisada. A escuta, escuta compassiva, uma escuta atenta é imperativa. Dezenas de pessoas morreriam na mesa operatória se fossem operadas com base numas poucas declarações feitas por um queixoso paciente. Por êste motivo é que as multidões morrem espiritualmente. Elas são destroçadas sem que se lhes dê uma oportunidade para descreverem corretamente os sintomas.

"Não busque jamais dizer muita coisa, e a maior parte do tempo não diga coisa nenhuma. A maldição de nosso ministério de conforto são as palavras." — Peter H. Plume, *Some to Be Pastors*, pág. 44.

A escuta atenta na primeira entrevista com os jovens produz juros excelentes. A atenção estrita à apresentação da história iluminará os conselheiros quanto aos fatos, circunstâncias, a mentalidade dos jovens, seus motivos de buscar conselho, etc.

A escuta verdadeira requer paciência. Conquanto uma história idêntica haja sido contada uma centena de vezes, a discrição exige que o conselheiro escute com honesto interesse.

"Esta é a obra mais delicada e mais difícil que se tem confiado a seres humanos. Exige o mais delicado tato, a maior suscetibilidade, conhecimento da natureza humana, e uma fé... oriunda do Céu." — *Educação*, pág. 292.

## Bondade

Os jovens normais são bondosos, leais e amigáveis. A juventude é sensível à bondade. Embora o pecado seja grande demais, demais odiosa a ofensa moral; se o jovem chega com profundo desespero, em busca de auxílio, todo esforço de bondade deve ser-lhe dispensado.

"Lembrai-vos de que a bondade realizará mais do que a censura." — *Testimonies*, Vol. IX, pág. 224.

"Uma palavra de animação, um ato de bondade, iria longe para aliviar a carga que pesa sobre ombros cansados." — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. III, págs. 99 e 100.

Quanto mais eficaz seria o trabalho dos ministros se dessem atenção a êste princípio! A transição da juventude para a maturidade está repleta de problemas de desenvolvimento. A bondade aumentará as probabilidades de conselho bem-sucedido. "Se a pessoa está em erro, manifestai-lhe ainda maior bondade." — *Testimonies to Ministers*, pág. 150.

Os problemas dos jovens são reais. Tôdas as intromissões e sugestões contrárias refletem negativa-

mente em quem assim se debate. Deixar de reconhecer os problemas dos jovens é quase tão ilógico quanto deixar de reconhecer a juventude.

"Muitos estão sem Deus, ... culpados, corrutos e degradados. ... São merecedores da mais terna comiseração, simpatia. ... Lembrai-vos sempre de que os vossos esforços para reformar outros devem ser feitos no espírito de inflexível bondade." — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 568.

## Identificação

A identificação é o quarto princípio básico essencial para o conselho bem-sucedido. A identificação é uma afinidade satisfatória entre duas ou mais pessoas. Demonstra amizade, confiança, confidência. Pouco é conseguido quando não existe identificação. Igualmente pouco é conseguido quando se manifesta amizade profissional. Os olhos, a face, a cabeça, a voz, tudo indica com perfeita exatidão essa coisa chamada identificação, ou a sua falta.

Muitos jovens vivem num temor peculiar à juventude — não tanto o temor dos seus problemas, como o temor de que os seus problemas sejam "descobertos." Frequentemente se ouve dizer: "Bem, eu nada disse por temor de denunciar-me." Consequentemente, por falta de um conselheiro confidente, muitos continuam a carregar os seus fardos. Caso haja a mínima desconfiança de que o seu problema não será mantido em absoluta confidência, o jovem hesitará em confiá-lo. O conselheiro que é agressivamente direto em suas observações, áspero na análise, precipitado nas conclusões, poderá destruir imediatamente a confiança que o jovem nêle deposita. A identificação é estabelecida e fortalecida por nosso interesse genuíno na outra pessoa. O desejo de ajudar, a chama ardente interna, podem ser vistos externamente. Em geral, o jovem percebe logo a sinceridade.

## Planos Construtivos

Um plano construtivo é muitas vezes a solução para a juventude confundida. Muitos jovens que buscam auxílio retiram-se com um senso de remorso por haverem exposto o seu problema sem ter recebido auxílio conveniente, e, às vezes, recebido pedra em vez de pão. Êste é um caso que exemplifica o assunto de planos e sugestões concretos.

Um casal de jovens foi pedir conselho. Se bem que batizados havia pouco tempo, eram já candidatos à eliminação, segundo as normas de uma facção denominante na igreja. Conversei com o casal durante algum tempo, não tanto acerca do seu problema, mas sobre assuntos referentes ao futuro. Fiz-lhes a sugestão de ambos voltarem para o colégio e completarem a sua instrução. A princípio pareceram intrigados. Aonde poderiam ir? Onde conseguir o dinheiro? Como poderiam deixar de trabalhar?

Um a um êsses problemas foram resolvidos. Escrevi cartas em favor dêles, auxiliiei-os na obtenção de passaportes, aconselhei-os no sentido financeiro. Finalmente, o que anteriormente parecia ser um caso de mais dois jovens abandonarem a igreja, transformou-se num caso de mais dois jovens frequentarem um de nossos colégios, onde acharam vida nova e novo futuro.

Em todo conselho deve haver sugestões construtivas, planos concretos. O conselho que não abra novos horizontes, que não proveja saídas práticas, não produza resultados concretos para o bem, é fracasso. Para cada jovem há um futuro. Para esse futuro deve o conselheiro buscar encaminhar esse jovem.

“O Senhor tem o Seu olhar pôsto em cada um de Seus filhos: concernente a cada um dêles tem Ele os Seus planos.” — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 12.

“A cada indivíduo de hoje, tem Deus designado um lugar no Seu grande plano.” — *Educação*, pág. 178.

Creio que um dos motivos fundamentais de a juventude abandonar as nossas fileiras é que freqüentemente esquecemos de apresentar-lhes um futuro. Deixamos de assentar-nos e interessá-la num plano definido para o seu futuro. De fato, se os jovens deixam de mostrar interesse na obra denominacional, recebem menos atenção do que os que demonstram esse interesse. Assim não deve ser.

Em progressão lógica vem o sexto ponto — contatos freqüentes com quem já pediu conselho. Uma planta recém-plantada provavelmente morrerá se fôr deixada sem trato. Morrerá apesar da cuidadosa transplantação, apesar da boa terra em que foi posta, se não fôr freqüentemente atendida. Onde lança raízes necessita de cultivo, proteção, abrigo, poda e muitos outros cuidados.

Não obstante quantas vêzes dá-se aos jovens uma mão-cheia, e com isso são despedidos! Muitas vêzes nenhuma inquirição é feita mais tarde quanto ao seu bem-estar e progresso. Todo conselho que não é seguido de conclusão apropriada e satisfatória, equivale a pouco mais que nada. Jesus voltou muitas vêzes para auxiliar Pedro, Maria e outros. Em cada uma dessas consultas pode o pastor medir o progresso feito e pôr-se em condição de apontar a direção certa.

## Oração

A média dos problemas de aconselhar pode ser animada se fôr lembrado o axioma seguinte: “Não tem a Terra infortúnio que o Céu não possa curar.”

A seu tempo pode o pastor tornar-se médico eficiente da alma. Lidando fielmente, conscienciosamente com cada caso, torna-se o pastor um poderoso instrumento nas mãos de Deus.

Encarar os problemas através da oração e do recurso a Deus é a maneira inigualável com que conta o conselheiro cristão. Não importa a profundidade da queda do jovem no pecado, não importa a intrincada teia de circunstâncias em que pareça estar enredado, não importa quão desesperançado se lhe afigure o futuro, mesmo para êle há em nosso Deus graça e auxílio suficientes; e o meio de alcançar essa graça e auxílio, e dêles prover-se, é a oração sincera e fervorosa. O conselheiro sábio não deixará, pois, de usar esse meio efficacíssimo de guiar a juventude para a solução de seus problemas. O braço de Deus não está encolhido. Ainda é possível resolver os nossos problemas por meio da oração.

“Depois de haverdes recebido conselho do sábio, do judicioso, ainda há um Conselheiro cuja sabedoria é infalível. Não deixeis de apresentar-Lhe o vosso caso e suplicar-Lhe a direção. Prometeu Êle que, se vos faltar a sabedoria e Lha pedirdes, Êle vo-la dará liberalmente e não a lançará em rosto.” — *Testimonies*, Vol. II, pág. 152.

“Os que decidem não fazer, em qualquer sentido, coisa alguma que desagrade a Deus, depois de Lhe apresentarem seu caso, saberão a orientação que hão de tomar. E não receberão unicamente sabedoria, mas fôrça. Ser-lhes-á comunicado poder para a obediência e para o serviço, assim como Cristo prometeu.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 499.

## CHAPAS DE PROJEÇÃO KODACROMO

OS estudantes do Theological Seminary, EE, UU, ultimaram um projeto que será de interesse geral. Na primavera passada, um grupo dêles, sob a liderança dos pastôres Arthur White e Daniel Walter realizaram uma excursão à Nova Inglaterra, visitando lugares de interesse histórico, do ponto de vista do início do adventismo. Com os seus melhores Kodacromos, formaram uma série de 55 vistas e prepararam pequena brochura explicativa para acompanhá-la. Essas chapas coloridas, de 5x5c., custam apenas 10 centavos de dólar, cada. Ainda há algumas séries disponíveis.

Muitos dos estudantes de nossos Seminários vêm do estrangeiro e viajaram pelas terras Bíblicas, onde foram obtidas boas fotografias. Quatro séries de 50 fotografias cada, do Egito, Sinai, Palestina e Síria também foram preparadas. Cada chapa foi escolhida para ilustrar um relato bíblico ou descoberta arqueológica que podem ser usados por instrutor bíblico, ministro ou evangelista, com o fito de firmar a confiança na Palavra de Deus. Algumas destas séries também ainda estão disponíveis.

O Seminário não irá comerciar com a reprodução dessas chapas, mas apenas venderá a quantidade já existente. Preços: US\$ 5,75 exclusivo o porte, por série de 55 chapas e a respectiva brochura; US\$ 21,00 pelas quatro séries de 50 chapas das terras bíblicas e as quatro respectivas brochuras. Endereço: S. D. A. Theological Seminary, Washington 12, D. C., E. U. A.



## O Regime Alimentar e a Saúde Espiritual

**S**ÃO ainda poucos os que estão suficientemente despertos para compreender quanto seus hábitos alimentares têm que ver com sua saúde, caráter, utilidade neste mundo e destino eterno. — *Testimonies*, Vol. I, págs. 488 e 489.

Tem havido desvio contínuo da reforma do regime pró-saúde, e, em resultado disso, Deus é desonrado por uma grande falta de espiritualidade. Foram erigidas barreiras que nunca teriam sido vistas se o povo de Deus houvesse andado na luz. — *Counsels on Health*, pág. 578.

Deus não pode fazer com que Seu Santo Espírito repouse sobre os que, embora saibam o que devem comer para gozar saúde, persistem num procedimento que enfraquecerá a mente e o corpo. — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 55 e 56.

A verdadeira conversão à mensagem da verdade presente abrange a conversão aos princípios da reforma pró-saúde. — *Notebook Leaflets*, Vol. I, nº. 19, pág. 4.

Aprenderemos que é melhor, para o nosso progresso tanto, físico como espiritual, observar simplicidade na alimentação. — *Counsels on Health*, pág. 127.

O Redentor do mundo sabia que a condescendência com o apetite traria debilidade física, adormecendo órgãos perceptivos de maneira que se não discerniriam as coisas sagradas e eternas. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial) Vol. I, pág. 415.

Toda violação de princípio no comer e beber, embota as faculdades perceptivas, tornando-lhes impossível apreciar as coisas eternas ou dar-lhes o devido valor. — *Counsels on Health*, pág. 38.

Fugi da intemperança. Não podeis arriscar-vos a enfraquecer as vossas faculdades mentais ou físicas para que vos não incapaciteis para discernir as coisas espirituais. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 168.

Os que estão em situação em que lhe é possível conseguir alimento vegetariano, mas escolhem seguir suas próprias preferências neste assunto, comendo e bebendo como lhes apraz, gradulamente se tornarão descuidosos da instrução que o Senhor forneceu no tocante a outros aspectos da verdade presente, e perderão a sua percepção do que é a verdade; eles certamente colherão o que semearam. — *Idem*, pág. 403.

Os que, havendo recebido esclarecimento sobre o assunto de comer e vestir com simplicidade, em obediência às leis morais e físicas, não obstante se desviam da luz que lhes indica o dever, fugirão ao dever noutras coisas. Evitando a cruz que teriam

que tomar sobre si a fim de estarem em harmonia com a lei natural, amortecem a consciência; e, para evitar a ignomínia, violarão os Dez Mandamentos. Alguns têm notória indisposição para suportar a cruz e desprezar a afronta. — *Idem*, pág. 49.

Nisto é que muitos tropeçam; hesitam entre reprimir o apetite e sua condescendência, e finalmente são vencidos pelo inimigo e abandonam a verdade. — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 31.

### “Tanto é Pecado . . .”

Pesa sobre nós a culpa, como um povo que teve muito esclarecimento, de não termos apreciado o esclarecimento ministrado quanto à reforma pró-saúde ou dele nos aproveitado. . . . Este assunto não é de ser menosprezado, nem passado por alto com gracejo. — *Counsels on Health*, págs. 505 e 506.

Tanto é pecado violar as leis de nosso ser, como quebrar um dos Dez Mandamentos, pois não podemos fazer nem um nem outro sem quebrar a lei de Deus. — *Testimonies*, Vol. II, pág. 70.

Não está o povo de Deus preparado para o grande clamor do terceiro anjo. . . . A glotonaria é o pecado predominante desta época. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 32.

É pecado pôr à mesa alimento mal preparado. — *Idem*, pág. 251.

Toda transgressão desnecessária das leis que Deus implantou em nosso ser, é virtualmente uma violação da lei de Deus, e é pecado igualmente grande à vista do Céu, quanto quebrar os Dez Mandamentos. A voluntária falta de conhecimento neste assunto importante, é pecado; a luz está agora incidindo sobre nós e somos inescusáveis se não apreciarmos a luz e nos tornarmos versados no tocante a estas coisas, que é do nosso mais elevado interesse terrestre compreender. — *Counsels on Health*, pág. 40.

A complacência excessiva no comer, beber, dormir ou ver, é pecado. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 141.

Quem quer que viole as obrigações morais no assunto de comer e vestir, prepara o caminho para violar os reclamos de Deus no tocante aos interesses eternos. . . . Se enfraquecermos o corpo pela satisfação própria, pela complacência com o apetite, . . . tornamo-nos inimigos de Deus. — *Testimonies*, Vol. III, pág. 63.

Os que têm sido instruídos com relação aos efeitos prejudiciais do uso da alimentação cárnea, do

chá e do café, bem como de comidas muito condimentadas e insalubres, e estão resolvidos a fazer com Deus um concôrto com sacrifício, não hão de continuar a satisfazer o seu apetite com alimentos que sabem ser prejudiciais à saúde. Deus requer que o apetite seja apurado, e se pratique a renúncia no tocante às coisas que fazem mal. É esta uma obra que tem de ser feita antes que o povo de Deus possa ser apresentado diante d'Ele perfeito. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. III, pág. 354.

Beber chá e café é pecado, uma complacência prejudicial, que, como outros males, prejudica a alma. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 425.

Nossos hábitos de comer e beber mostram se somos do mundo ou estamos entre os que o Senhor, por Seu potente cutelo da verdade separou do mundo. — *Temperance*, pág. 141.

Por preceito e exemplo, esclareçam que o alimento que Deus deu a Adão, em seu estado isento de pecado, é o melhor para o uso do homem, ao buscar êle reaver êsse estado de pureza. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. III, págs. 138 e 139.

Para os nossos primeiros pais, o apetite intemperante resultou em perda do Eden. A temperança em tôdas as coisas tem mais que ver com a nossa restauração no Eden, do que os homens reconhecem. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 43.

Assim como nossos primeiros pais perderam o Eden por meio da complacência com o apetite, nossa única esperança de reaver o Eden consiste no firme refreamento do apetite e das paixões. — *Idem*, pág. 59.

Devemos acautelar-nos de que o que é introduzido no estômago não nos expila da mente os pensamentos elevados e santos. — *Medical Ministry*, pág. 275.

### **“O Maior Empecilho para ... a Santificação”**

É a condescendência com o apetite e as paixões que torna a verdade sem efeito para o coração. Impossível é ao espírito e ao poder da verdade santificarem o homem — a alma, corpo e espírito — quando êle é dominado pelo apetite e as paixões. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. I, pág. 423.

Não nos é possível glorificar a Deus enquanto vivemos em violação das leis da vida. Não pode o coração de forma alguma manter-se consagrado a Deus enquanto condescende com o apetite concupiscente. O corpo doente e o intelecto desordenado, pela continua complacência com a concupisência prejudicial, tornam impossível a santificação do corpo e do espírito. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 44.

Ela [a santificação] não é mera teoria, emoção ou uma forma de palavras, mas um princípio vivo, ativo, que faz parte da vida diária. Requer que os nossos hábitos de comer, beber e vestir, sejam tais que garantam a preservação da saúde, física, mental e moral, para que apresentemos ao Senhor o nosso corpo — não como oferta corrompida pelos maus hábitos, mas — “um sacrifício, vivo, santo e agradável a Deus.” — *Temperance*, pág. 19.

Deus requer de Seu povo avanço constante. Pre-

cisamos aprender que a complacência com o apetite é o maior empecilho para o desenvolvimento mental e a santificação da alma. ... Conserve em mente o individuo que busca possuir pureza de espírito, que em Cristo há poder para dominar o apetite. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 127.

De todos se exige que façam quanto possam para manter o corpo saudável e sã a mente. Se satisfizerem um apetite pervertido e, por assim procederem embotarem as suas sensibilidades, e entenebrecerem as suas faculdades perceptivas de forma que não possam apreciar o exaltado caráter de Deus, nem se deleitem no estudo de Sua Palavra, podem estar certos de que Deus lhes não aceitará a oferta indigna mais do que a de Caim. Deus dêles requer que se purifiquem de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor do Senhor. Depois de o homem haver feito tudo quanto pode para assegurar-se a saúde, com refrear o apetite e as paixões torpes, para que possua mente sã e imaginação santificada, para que preste a Deus uma oferta de justiça, então é salvo somente por um milagre da graça divina, como o foi a arca sobre as ondas encapeladas. Noé fizera tudo quanto Deus dêle requerera para tornar segura a arca; Deus realizou o que o homem não podia fazer e, por Seu miraculoso poder preservou a arca. — *Idem*, págs. 49 e 50.

Um estômago sobrecarregado significa uma mente sobrecarregada. As mais preciosas palavras podem ser ouvidas e não apreciadas, porque a mente está confusa por uma alimentação imprópria. Pelo excesso de alimento tomado no sábado, muitos fazem mais do que imaginam para incapacitarem-se para receber o benefício das suas sagradas oportunidades. — *Idem*, pág. 46.

No sábado, na casa de Deus, sentar-se-ão e dormirão os gluteões sob as verdades ardentes da Palavra de Deus. Não podem manter abertos os olhos, nem compreender os solenes sermões proferidos. — *Testimonies*, Vol. II, pág. 374.

A intemperança no comer, ainda que alimento de boa qualidade, exercerá sobre o organismo influência deprimente, e embotará as mais vivas e santas emoções. — *Counsels on Health*, pág. 123.

O uso excessivo do melhor alimento produzirá estado mórbido do senso moral. ... Hábitos errôneos de comer e beber conduzem a erros de pensamento e ação. A complacência com o apetite fortalece as propensões animais, dando-lhes a ascendência sobre as faculdades mentais e espirituais. ... Tudo quanto luta com as leis naturais cria um estado doentio da alma. — *Review and Herald*, de 25 de janº. de 1881.

O excesso na alimentação exerce no organismo efeito pior do que o excesso de trabalho; as energias da alma são mais inteiramente debilitadas pela intemperança na alimentação do que pela intemperança no trabalho. — *Counsels on Health*, pág. 160.

### **Empecilho para a Perfeição Cristã**

Não pode o Espírito de Deus vir em nosso auxílio, e ajudar-nos no aperfeiçoamento do caráter cristão enquanto condescendemos com o apetite com



dano para a saúde, e enquanto prevalece a soberba da vida. . . É impossível que os que condescendem com o apetite atinjam a perfeição cristã. — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 57.

É impossível para os que dão rédea solta ao apetite, atingirem a perfeição cristã. — *Idem*, pág. 236.

A saúde do corpo deve ser considerada como essencial para o crescimento na graça e para a aquisição de temperamento estável. Se o estômago não fôr bem cuidado, a formação do caráter moral íntegro será prejudicada. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. III, pág. 360.

A arte culinária deficiente está desgastando as energias da vida de milhares. Mais almas se perdem por esta causa do que muitos imaginam. — *Counsels on Health*, págs. 116 e 117.

É um sagrado dever para os que cozinham o saber preparar alimento saudável. Muitas almas se perdem em razão de um errôneo modo de preparar a comida. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 258.

Os que são escravos do apetite, no entanto, deixarão de aperfeiçoar o caráter cristão. — *Test. Sel.* (Ed. Mundial), Vol. I, pág. 422.

É impossível que quem quer que seja, viva intemperadamente no tocante ao regime alimentar, e ao mesmo tempo mantenha larga dose de paciência. — *Idem*, Vol. IV, pág. 141.

A capacidade controladora do apetite provar-se-á a ruína de milhares, ao passo que, se houvessem sido vencedores nesse ponto, teriam força moral para alcançar a vitória sobre tôdas as demais tentações de Satanás. — *Counsels on Health*, pág. 574.

O alimento insalubre pôsto no estômago fortalece os apetites que combatem contra a alma, desenvolvendo as propensões baixas. A alimentação cárnea tende para o desenvolvimento da sensualidade. O desenvolvimento da sensualidade diminui a espiritualidade, tornando a mente incapaz de compreender a verdade. . . A natureza física será posta em conflito com a natureza espiritual. . . Ele [Deus] não pode iluminar a mente do homem que transforma o estômago em cloaca. Ele não ouve as orações dos que estão andando à luz das faíscas que êles mesmos acenderam. — *Idem*, pág. 576.

Refreiem os membros de nossas igrejas todo apetite egoísta. Cada níquel gasto com chá, café e alimento cárneo é pior do que esbanjado, porque essas coisas entravam o melhor desenvolvimento das . . . faculdades espirituais. — *Medical Ministry*, pág. 274.

A complacência com o apetite afeta-os em tôdas as relações da vida. É vista em sua família, na sua igreja, nas reuniões de oração, e no procedimento de seus filhos. Tem-lhes sido a maldição da vida. Não podeis fazer-lhes compreender as verdades para êstes últimos dias. — *Counsels on Health*, pág. 152.

A intemperança no comer e no beber, determinando, como o faz, a satisfação das paixões baixas, prepara aos homens o caminho para desprezarem todos os deveres morais. Ao serem assaltados pela tentação, pouco poder têm êles para a resistência. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 410.



## PESQUISA, Teologia, História, Ciência

### ● Sacerdócio de Melquisedeque

OTTO H. CHRISTENSEN

(Professor de Línguas Bíblicas, Emanuel Missionary College)

MUITO tempo e energia são muitas vèzes gastos para, se possível, descobrir quem foi Melquisedeque. Mas a parte importante acêrca dêste personagem importante não é quem êle foi ou é, mas o que foi ou é. Ocorrerá que, ao olhar para a árvore, não tenhamos visto a mata? Tudo quanto historicamente sabemos acêrca de Melquisedeque está contido em Gênesis 14:18-20 e em Salmo 110:4. Além disso, temos a declaração de Josefo, cuja história neste assunto é em grande parte uma tradição judaica, de que era um descendente não muito afastado de um dos filhos de Noé, um poderoso chefe de uma tribo entre os cananeus. (1) O Targums judeu apresentava-o como sendo Sem. Opiniões várias têm sido expressas, mas eviden-

temente o Espírito Santo não estava interessado em nos revelar quem êle era, mas por certo mencionou-o para outro propósito, a fim de que soubéssemos quem êle representava e como nos iria afetar. Ê-nos dito com clareza que êle era um tipo de Cristo, e neste sentido devemos examinar o tópicó. Ao fazê-lo, não devemos esquecer que Jesus é nosso irmão mais velho e um conosco. "Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-se à humanidade por um laço que jamais se partirá." (2) Daí que, o que Lhe afeta a Êle nos afete a nós, e aplique-se a nós também, pois também somos feitos sacerdotes segundo a Sua ordem (I S. Ped. 2:5-9).

Se atentarmos cuidadosamente para o contexto no livro de Hebreus, observaremos que o sacerdó-

cio de Melquisedeque, de cuja ordem Cristo foi, está em contraste com o sacerdócio levítico. A significação dêste contraste é que precisamos observar. O contraste está na maneira em que foram escolhidos os sacerdotes das duas ordens, bem como o contraste de caráter. Notemos, primeiramente, êstes dois pontos, no sacerdócio levítico.

Por causa da condição do povo e do governo teocrático nacional, Deus escolheu, para perpetuar o sacerdócio, uma família — Aarão — de uma tribo — Levi. A fim de tornar-se sacerdote dessa ordem, tinha a pessoa que poder provar genealógicamente, ser descendente de Aarão e, conseqüentemente, elegível para o sacerdócio. (A palavra hebraica para sacerdote é *kohen*, ou *kahn*, e foi provavelmente para reter o estado genealógico que muitos judeus tomarem esta palavra como seu nome e a conservaram até ao dia de hoje.) Por isso, entre os descendentes de Aarão, era mantido um registro fiel, de forma que pudesse ser encontrada a linhagem retrospectiva, através dos ancestrais, até ao começo. Ver Josefo *Vida* i. l. A sua profissão vitalícia dependia dêste registro. Nos tempos do Novo Testamento, dependia, também, de sua saúde, visto que, nesse tempo, o ofício era vendido ao maior licitante dentre os descendentes e, assim, o sacerdócio era mudado freqüentemente. Não obstante, estatuída a lei que os sacerdotes e levitas deviam servir desde os trinta anos de idade até aos cinqüenta. (3) Assim, estava definitivamente prescrito o começo e o fim de seu tempo de serviço, com a duração máxima de vinte anos.

Nos tempos do Novo Testamento, êsse sacerdócio levítico estivera sèriamente corrompido, de forma que, para os judeus, um sacerdote gentil e compassivo era uma novidade. A atitude arrogante, orgulhosa e despótica eram os seus traços habituais. Se bem que da tribo de leão, Jesus tinha o caráter de cordeiro. João disse: “Eis o Cordeiro de Deus.” Assim, para os líderes judeus, Êle era uma “pedra de tropeço”.

### O Sacerdócio de Cristo

Cristo foi sacerdote, não segundo a ordem de Levi, mas segundo a ordem de Melquisedeque. O nome corresponde ao Seu caráter. É formado das duas palavras hebraicas *Melek* (rei) e *Sedek* (justiça). Êle é, pois, Rei da justiça, sacerdote segundo essa ordem. O sacerdote segundo a ordem de Levi, só podia officiar se provasse a sua genealogia pelos registros mantidos dos descendentes de Levi, especialmente dos da casa de Aarão. Falando de Melquisedeque, reza o texto peshita siríaco (não deixando, assim, dúvida alguma quanto ao verdadeiro sentido de Hebreus 7:3): “Sem pai nem mãe, em genealogia.” Seu sacerdócio não estava dependente de genealogia, mas do caráter. Foi sacerdote por direito próprio, e não foi necessário saber que linhagem possuía. Foi escolhido por Deus, e sem dúvida também pelo povo, não pelo que haviam sido os Seus ancestrais ou de onde viera, mas pelo *que* era.

Certos passos da Escritura esclarecem mais que outros. Entre êles está Hebreus 5:8, que descreve com tremenda significação o preparo de Cristo que O tornou elegível como sacerdote segundo a ordem de Melquisedec. Se nós também quisermos ser

sacerdotes segundo essa ordem, talvez possamos aprender uma lição do que de nós é exigido por essa difícil declaração.

Depois de nos fazer essa pequena alusão no primeiro versículo de Hebreus 5, no tocante a um aspecto misterioso da relação de Cristo para com o Pai, como filho, e para conosco, como sacerdote, o autor desta epístola sugere alguma coisa mais nos versículos 11 e 12. Declara êle aí que muitas outras coisas há, difíceis de entender, que êle gostaria de dizer, mas êles seriam incapazes de receber ou compreender. Eram, provavelmente, algumas das coisas que Pedro achou de difícil compreensão (ver II S. Pedro 3:16). Esta declaração assemelha-se à de Cristo, feita aos Seus discípulos, encontrada em S. João 16:12, onde diz: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.” Esta é uma das mais tristes declarações de Jesus. Que lástima é que embora Jesus estivesse disposto a fornecer informação concernente a grandes verdades da salvação, êles não a pudessem suportar! Estamos nós mais capacitados e dispostos hoje? Sem dúvida muitas destas coisas foram reveladas a Paulo, e êle estava aí buscando transmitir aos hebreus, e a nós, alguns dêsses grandes mistérios.

Notemos cuidadosamente Hebreus 9:7-9 e os pontos salientados. No versículo 7, êle claramente se refere à experiência de Cristo no Jardim do Getsêmani. Fêz Êle orações e súplicas em altos brados e com lágrimas Aquele que podia salvá-Lo da morte, mas não O salvou. Mediante essa descrição, podemos, como que ver as lágrimas escorrendo-Lhe das faces, e ouvir os agoniantes brados de nosso Salvador em luta suprema consigo mesmo. Salvá-Lo-á Deus da morte? Desistirá Jesus e salvar-Se-á? Ou vencerá Êle a tentação de preservação própria? Essa foi a grande luta. Isso foi o que O estava qualificando para ser o sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, a que se refere o versículo 2. Sofreu; orou com fervor e angústias tais como ninguém anteriormente havia sentido, nem mesmo Jacó no rio Jaboque. Estava Êle pensando a humanidade — vós, e eu, e o mundo inteiro — contra Si próprio. Qual seria?

Há nisso uma lição para nós. Nós, também, precisamos pesar o bem da causa e do mundo, contra nós mesmos. Colocando-Se numa posição em que por Suas provações aprendeu a submissão e a obediência, Jesus foi muito além do que havia sido feito pelos sacerdotes da velha dispensação. Percebeu integralmente a significação. A salvação dos demais significava para Êle a separação eterna do Pai. “Não podia enxergar para além dos portais do sepulcro.” (4)

“A humanidade do Filho de Deus termina naquela probante hora. . . . O tremendo momento chegara — aquêle momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da fronte o suor de sangue, e deixar perecer o homem em sua iniquidade. . . . Trêmulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: ‘Pai Meu, se êste cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’” (5)

"Foi ouvido quanto ao que temia." Com maior correção, "em razão da circunspeção." Por motivo de Sua vida pia, Sua oração foi ouvida. No entanto, não estendeu Ele a súplica além da medida. Três vezes orara para que o cálice fôsse d'Ele afastado, e agora, vendo amplamente o que significaria para nós, se o não sorvesse, pondo inteiramente de parte o eu nessa grande luta, disse: "Faça-se a Tua vontade." Foi essa obediência que aprendeu. Sua oração não foi atendida, mas respondida. Ele foi fortalecido para suportar aquela experiência para cujo livramento orara e não Lhe fôra concedido. Ao fazer Ele a decisão, foi enviado do Céu um anjo, não para tomar-Lhe das mãos o cálice, mas para fortalecê-Lo e sustê-Lo quando o sorvesse. Aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu, isto é, de Sua experiência de sofrimento no horto. Notai agora o resultado. Ele foi aperfeiçoado como filho, tornando-se o autor da salvação para todos os que Lhe obedecem (v. 9). Para nós, disse Ele noutra passo: "Eu vos dei o exemplo." (6) "Eu sou o caminho e a verdade e a vida." (7)

Agora, o que há nisso para nós? Dizem as Escrituras: "Aprendeu a obediência." Não podemos dizer que Ele haja sido desobediente antes. Nesse caso, não teria sido um exemplo perfeito. Então, que quer o apóstolo dizer com suas palavras: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência"? Por direito, um filho deve ser obediente, e Jesus, como Filho do Pai, foi obediente. É-nos dito, porém, que "aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu." Sua anterior obediência O preparou para a experiência do sofrimento com que devia participar de uma nova espécie de obediência não adquirida anteriormente, i. é., a obediência a que este passo se refere "até à morte, e morte de cruz," (8) a qual foi realmente a segunda morte, ou o aniquilamento do eu. Como nosso Salvador, Ele devia sentir "a angústia que há de experimentar o pecador quando não mais a misericórdia interceder pela raça culpada." (9) Era uma questão de preservação própria, ou de disposição para perder o eu para sempre, de nada ser, de desaparecer no esquecimento, para que outros vivessem. "O Salvador não podia enxergar para além dos portais do sepulcro. A esperança não Lhe apresentava Sua saída da sepultura como vencedor, nem Lhe falava da aceitação do sacrifício por parte do Pai." (10) Ele foi além da exigência do dever, e ao dar êsse passo aprendeu por meio do sofrimento a maior das lições possíveis na obediência. Foi essa a grande luta, a fase final da submissão completa. E havendo aprendido isso, foi então aceito pelo Pai como filho perfeito, e a demonstração dessa aceitação foi confirmada por Sua ressurreição (ver S. João 20: 17).

Agora, que contém, para nós, essa Sua experiência? Muito, especialmente ao verificarmos que nós, também, somos filhos de Deus e sacerdotes segundo a ordem de Melquisedeque, que é um sacerdócio real. Hebreus 5:11 diz: "Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação; porquanto vos fizestes negligentes para ouvir." A dificuldade experimentada pelo autor de Hebreus consiste na condição espiritual do povo a quem êle estava

escrevendo. A palavra original, traduzida para o português "negligente", é uma combinação de duas palavras gregas, uma das quais significa "não", e a outra "empurrar," o que produz "não empurrar." O uso do tempo imperfeito no verbo "fizestes", que significa vos *tornastes*, indica que nem sempre haviam estado nessa condição. Sugere um processo completado no passado, com resultados presentes. Outras palavras possíveis para êsse passo seriam: "Concernente ao que (o ensino, especialmente o de que o Senhor Jesus é um sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque) muito temos que dizer; entretanto, para dizê-lo, verificamos ser difícil de explicar, porque vos tornastes em pessoas acomodadas num estado de indolência, e até de estupidez, em vossa compreensão." Soa isto quase como o estado laodiceano. Poderia essa ser uma parte de nosso estado laodiceano?

A palavra "perfeito", no versículo 9, provém de outra que significa "levar uma pessoa ou coisa ao nível estabelecido por Deus; levar um objeto ao estado de plenitude adequado ao seu proposto estado, qualquer que êle seja." Deus tem um alvo estabelecido para nós, e devemos alcançá-lo como filhos de Deus e sacerdotes da ordem de Melquisedeque (I S. Pedro 2:9). A luta de Cristo para preservação própria, é a nossa luta. Ele venceu e Se tornou obediente até à morte e ao desprendimento próprio. Reduziu-Se a nada, para a extinção, como é ilustrado pelo grão de trigo em S. João 12:24. Nós, também, temos que experimentar o nosso Getsêmani para aprender esta lição final, o estado final de submeter o eu completamente. E nessa experiência, também nós seremos ouvidos e fortalecidos. Não podemos, porém, ser perfeitos sem que passemos por nosso Getsêmani. Esta é a nossa grande necessidade presente. Com essa necessidade suprida, que poder teria a igreja remanescente! Se todos os oficiais da igreja fôsem escolhidos por Deus, não haveria luta para atingir posições nem preservá-las. Uma vez que houvessemos aprendido essa grande lição da entrega completa, nenhum poder na Terra nos poderia entrar a obra. Êste é o nosso repto. "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu."

Desistiremos e salvar-nos-emos, ou venceremos o eu e aprenderemos a obediência? Seremos sacerdotes segundo a ordem de Melquisedeque, ou segundo a ordem de Levi? Esta é a nossa pergunta presente. Sua solução equivale à breve volta de Cristo. Deixá-la insolúvel significa maior demora.

- (1) Flávio Josefo *Antiquities of the Jews*, i, 10.
- (2) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17.
- (3) Núm. 4:3, 23, 30, 35, 39, 43 e 47.
- (4) White, *Op. cit.*, pág. 561.
- (5) *Idem*, pág. 517.
- (6) S. João 13:15.
- (7) S. João 14:6.
- (8) Filipenses 2:8.
- (9) White, *Op. cit.*, pág. 561.
- (10) *Idem*.



# NOSSA LÍNGUA

## O Imperativo Negativo

ENTRE os leitores de O MINISTÉRIO haverá, talvez, quem se lembre de uma pequena publicação trimensal, de efêmera existência, sob a expressiva denominação que encabeça estas colunas. Após dois anos de vida atribulada, exalou o último suspiro: morreu de inanição, porque as poucas dezenas de assinaturas que alcançou, a dois mil réis cada uma, deixaram o editor com as finanças abaladas. . . Solução única: suspender a publicação, após completar o segundo ano, saldando todos os compromissos com a impressora e com os assinantes e, penalizada, dizer adeus aos amigos que — justiça lhes seja feita — eram poucos, mas seletos!

Convidados agora, por quem de direito, para manter em O MINISTÉRIO uma página sobre questões de nossa língua, é com prazer que voltamos à liça. Nestas colunas procuraremos ventilar os pontos mais difíceis e ingratos de nosso idioma, êsses em que mais freqüentemente cochilamos, assinalando a maneira correta e elegante de nos exprimirmos. Elegante, dizemos, o que absolutamente não quer dizer difícil, rebuscada, preciosa, mas sim clara, simples e escurteia.

Comecemos nossas considerações com um dos pontos em que mais transgredimos os cânones da língua: o uso do imperativo negativo.

Tempos atrás vimos, num jornal, o seguinte anúncio de conhecido produto farmacêutico: "Não esperais que a espada vos fere traiçoeiramente. Curais em tempo vosso estômago e intestino se quereis evitar males piores. Pedis ao vosso farmacêutico a verdadeira [e seguia o nome do produto]."

Antes de tratarmos da forma imperativa negativa, digamos duas palavras sobre o simples imperativo. Este modo, como sabemos, só tem um tempo, e êste só duas pessoas: *tu* e *vós*. Para qualquer outra pessoa gramatical, tem que se usar o subjuntivo. Exemplo: *Vá* êle embora e *fique*mos nós aqui; *morra* eu e *viva* a Pátria; *pare*mos aqui, João; *continuem*, Pedro e Mário.

A mesma substituição se faz nas sentenças imperativas negativas. Notemos bem — nas sentenças em que mandamos uma pessoa *não* fazer, dizer, etc. uma coisa. Assim, diremos: *Ama* teu inimigo (afirmativa); *não ames* o mal (negativa). *Amai* vossos inimigos; *não ame*is o mal. Seria errado dizer: *Não ama*, ou *não amai* o mal. Isso, como vemos, só na segunda pessoa, do singular e do plural. Mas na primeira e terceira pessoas, do singular e do plural, não há alteração, porque essas pessoas não existem no imperativo e portanto, seja a sentença negativa ou seja afirmativa, emprega-se o subjuntivo: *não ame* eu o mal; *não ame* êle, *não ame* você, *não amemos* nós, *não amem* êles o mal.

Note-se, de passagem, que *você*, o *senhor*, *vossa senhoria*, *vossa excelência*, pertencem todos à terceira

pessoa. De maneira que se dirá: *Você não faça* (terceira pessoa) isso; o *senhor não faça* isso; *vossa senhoria não faça* isso; *vossa excelência não faça* isso. Aliás, a imperativa negativa é mais difícil e mais maltratada nas duas segundas pessoas que existem no imperativo positivo: *tu* e *vós*. Esta última pessoa (segunda do plural) é de tôdas a mais difícil de usar, sendo, como é, empregada em estilo cerimonioso, nos sermões (preferindo) ou outras orações solenes. A segunda pessoa do singular (*tu*) também não é muito usada no Brasil. Tende cada vez mais a desaparecer, dando lugar à terceira pessoa (*você*).

Façamos, pois, um pouco de exercício. Corrija o leitor as seguintes frases do imperativo negativo, segunda pessoa singular (*tu*): *Não ama*, *não jornadeie*, *não visita*, *não salva*; *não perde*; *não mente*; *nê cai*. (Deve ser: *Não ames*, *não jornadeies*, *não visites*, *não salves*, *não percas*, *não mintas*, *não caias*.)

Corrija agora, sozinho, estas outras (segunda pessoa, plural): *Não falai* aqui; *não andai* tão depressa, *não mastigai* tão mal a comida; *não matai* os passarinhos; *não cessai* de fazer bem; *não vos escusai* ao convite; *não ficai* aqui; *não criai* porcos; *não correi* tanto; *não comei* entre as refeições; *não fazei* mal a ninguém; *não crêde* a qualquer doutrina; *não dize* o que aconteceu; *não perde* a confiança; *não deve* nada a ninguém; *não trazei*; *não vêde*; *não desce*; *não tende* medo; *não prai* sem me dizer adeus; *não agred*; *não construí*; *não menti* uns aos outros; *não acudi*; *não medi*; *não ouvi*; *não ride*; *não vinde*; *não ide*; *não servi*; *não fer*; *não ponde*; *não vos queixai*; *não vos arrependei*; *não vos ride*; *não vos ponde* em perigo.

Corrija mais estas, que são simplesmente afirmativas: *Façais* o bem; *sejais* bem-vindos; *faleis* de vagar; *mastiguis* bem; *creiai* em Deus; *digais* tudo; *ouçais* o que vos tenho a dizer.

Faça o leitor êsses exercícios tanto com *tu* como com *vós*, e acrescente outros verbos ainda, das quatro conjugações, e nunca mais dirá, junto ao púlpito: "Não *permite*, Senhor, que tal aconteça"; "irmãos, não *sêde* nunca negligentes, não *abandonai* vossas reuniões, não *ide* nunca a diversões duvidosas, não *fazei* caso do que os outros dizem, não *dai*, não *dize*i, não *ponde*, não *pagai* com a mesma moeda. . .

E a esta altura, todos estaremos, sem dúvida, habilitados a pôr em português correto, num abrir e fechar de olhos, aquêl malfadado anúncio, que deveria dizer: "Não *espereis* que a espada vos *fira*", etc., etc.

L. W.

